Mariana Busnardo

À escuta do silêncio: marcas de subjetivação na escrita de surdos

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA /SP
2006

Mariana Busnardo

À escuta do silêncio: marcas de subjetivação na escrita de surdos

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Fonoaudiologia sob a orientação da Profª Drª Regina Maria Freire.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA /SP
2006

Comissão Julgadora

Presidente da Banca: Prof. Dr. (a) _____

Banca Examinadora

Profª. Drª._____
Profª. Drª._____
Prof. Dr._____

Aprovada em: _____/_____/_____

Eu dedico esse trabalho à Camila, minha irmã.

Agradecimentos

Aos meus pais que sempre estiveram do meu lado, torcendo, incentivando e tornando tudo possível.

Ao meu namorado, Dago, que além de me dar apoio e suporte sempre foi um interlocutor atento.

Às minhas amigas, Roberta e Elisa, porque elas existem e assim tornam minha vida mais agradável.

À Ana Maria Roncada pelo exemplo.

Aos colegas do Subjectum que sempre me acrescentaram muito.

Ao Dany Kannan por ter acompanhado meu processo desde a graduação, feito eu me apaixonar pelo mundo da escrita e ter aceitado tão carinhosamente ser banca desse trabalho.

À Silvia Friedman por ter aceitado meu convite para ser banca e ter se colocado à disposição com uma leitura atenta e observações sempre pertinentes.

À Regina Freire pela orientação.

À Clarice Lispector pela “Aprendizagem”.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo direcionar um olhar e uma escuta ao sujeito surdo por meio de sua escrita, em detrimento da falta, do erro, enfatizando-se justamente o expresso, o ganho, as marcas de que ali, no escrito, há um sujeito singular.

O interesse por essa pesquisa surgiu devido ao grande número de queixas quanto ao relacionamento dos surdos com a escrita e, principalmente, pelo fato de que as teorias tradicionais acerca da aquisição da escrita não dão conta dessa questão; acenando para uma questão anterior, de constituição desses sujeitos.

O trabalho será estruturado da seguinte maneira: um capítulo inicial, em que elementos da educação dos surdos serão trazidos com o intuito de situar historicamente as relações estabelecidas entre “mundo surdo” e “mundo ouvinte”, priorizando o peso que essa singularidade (surdez) teve na aceitação desses sujeitos.

Um segundo capítulo, em que a escrita será focalizada, apresentando alguns de seus significados e funções, relacionando-os com as demandas dos sujeitos surdos, para buscar pistas sobre os motivos dessa relação ser dita “problemática” pelos ouvintes.

O terceiro capítulo contará com um diálogo efetivo com produções textuais de dois sujeitos surdos. Para tanto, serão discutidas entrevistas abertas que foram realizadas com o intuito de conhecer a história de vida de cada um e a relação que cada um deles considera ter com a escrita. O segundo passo será a análise de textos produzidos por esses sujeitos, análise esta que, como dito anteriormente, terá como objetivo conhecer melhor esses sujeitos, assim como a relação que mantêm com a escrita, a fim de podermos entender como se dá ou pode vir a se dar seu processo de autoria em relação a esta.

Palavras-chave: Surdez; estranho; escrita; Fonoaudiologia.

Summary

The present work has as a goal to focus look and a listening to the deaf citizen by means of its writing, in detriment of the lack, of the error, emphasizing itself exactly the express, the profit, the marks that in the writing, there is a singular citizen.
The interest for this research appeared due to the great number of complaints about the relationship of the deaf people with writing and, mainly, for the fact of that the traditional theories concerning the acquisition of writing abilities did not consider this question; waving towards a previous question, the constitution of these citizens.
The work will be structured in the following way: an initial chapter, where elements of the education of the deaf people will be brought with the intention to point out historically the relations established between "deaf world" and "listener world", prioritizing the weight that this singularity (deafness) had in the acceptance of these citizens.
A second chapter, where the writing will be focused, presenting some of its meanings and functions, relating them with the demands of the deaf citizens, to search clues on the reasons of this relation to be credited as "problematic" by the listeners.
The third chapter will display an effective dialogue with literal productions of two deaf citizens. For this, open interviews that had been carried through with intention to know the life history of each one and the relation that each of them considers to have with the writing will be discussed. The second step will be the analysis of texts produced by these citizens, that, as it was previously said, will have as an objective to get to know these citizens better, as well as the relation that they keep with writing, in order to be able to understand how its process of authorship in relation to this happens or has the chance to happen.
Key words: deafness; strange; writting, Speech and Language Therapy.

Sumário

Introdução.....9

Capítulo 1. Uma profusão de vozes.....14
1.1. Afinando os instrumentos.....15
1.2. Tocando de ouvido.....19

Capítulo 2. Primeiros rabiscos.....31
2.1. A escrita.....32
2.2. A escrita do surdo. Uma escrita surda?.....39

Capítulo 3. O diálogo.....47
3.1. Os textos.....48
3.2. Mauro em cena.....50
3.2.1. “Vida Profissional”.....51
3.2.2. “Ausência”.....57
3.2.3. “Mendoncinha”.....62
3.2.4. “Tema Livre”.....64
3.3. Manuela: uma outra cena 72
3.3.1. “Vida Profissional”.....72
3.3.2. “Ausência”..... 76
3.3.3. “Mendoncinha”.....78
3.3.4. “Tema Livre”.....80

Conclusão.....85

Anexos.....93

Bibliografia.....109

Escrever

“Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.
Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada(...) Lembro-me com saudade da dor de escrever livros.”

(Clarice Lispector, 1969)

Introdução

O interesse pela realização desse trabalho surgiu de um sentimento de estranheza. Estranheza nascida do diálogo entre minha história de vida e minha prática profissional. Meu contato pessoal, muito próximo e íntimo, com surdos, aliados a minha formação em Fonoaudiologia, tem suscitado muitas questões.

Tive a oportunidade de acompanhar toda trajetória de um sujeito surdo; desde seu nascimento até a idade adulta. Suas lutas e conquistas. Por esse motivo causa-me estranheza que sujeitos surdos, inseridos em um contexto social e cultural privilegiado, com acesso a boas escolas, e que hoje estão empregados e usam tecnologias de ponta, como mensagens de texto de computadores e celulares, para se comunicarem, queixem-se freqüentemente de seu desenvolvimento no processo acadêmico.

Noto que essa demanda refere-se à aprendizagem da leitura e da escrita da língua falada na sociedade em que vivem.

Segundo Balieiro (2002,p.9):

Pode-se até mesmo dizer que na base das discussões sobre modalidades de exposição à língua encontram-se a insatisfação com o desempenho acadêmico de pessoas surdas e sua relação com a língua escrita.

Existem muitos estudos que apontam para as limitações com relação à exposição à língua oral como sendo motivo das dificuldades encontradas pelos surdos com a língua escrita. Não é de se admirar que as restrições encontradas pelos surdos em se comunicar oralmente tenham repercussões na escrita.

A comunicação desses sujeitos é mediada ora pela língua dos sinais ora pela leitura oro-facial, o que, em ambos os casos, requer um esforço maior por

parte da criança na tentativa de se enquadrar nas exigências do mundo ouvinte no que diz respeito a vocabulário e conhecimento de regras da língua oral.

Difícil negar a participação do componente orgânico na vida dos sujeitos surdos. A privação de sons faz parte da constituição desses sujeitos, mas essa relação direta, entre problemas de aquisição de linguagem escrita da criança surda e suas limitações auditivas, me parece simplista demais, reduzindo a escrita à transcrição da língua oral. Linguagem não é mero código, nem compreensão, decodificação mecânica. Compreender o outro e se fazer entender implicam o diálogo. A significação se dá na singularidade desse diálogo.

Segundo Kristensen e Freire (2001,p.19) no artigo “Interpretação da escrita infantil: a questão da autoria”:

> *Uma visão tradicional de aprendizagem define como fundamental para a construção da escrita, o treino das chamadas habilidades básicas: percepção auditiva e visual, esquema corporal, lateralidade e noção temporo-espacial, entre outras.*

Seguir por esse caminho não traria muitos ganhos a não ser elencar mais uma vez os erros gramaticais mais comuns cometidos pelos surdos.

Por considerar que a escrita tem papel fundamental na sociedade atual e que, de alguma forma, configura-se hoje em mais um fator de exclusão na vida de sujeitos surdos, pretendo nesse trabalho direcionar um olhar e uma escuta ao sujeito surdo por meio de sua escrita, em detrimento da falta, do erro, enfatizando-se justamente o expresso, o ganho, as marcas de que ali, no escrito, há um sujeito.

Penso a escrita como um canal particular de produção de sentido, de constituição do sujeito, um modo de testemunhar a si mesmo e ao mundo convocando o outro (interlocutor) a participar desse processo de constituição (produção de sentido), seja esse outro um sujeito concreto ou aquele pressuposto

no imaginário do autor. Desse modo, julgo fundamental discutir nesse trabalho qual a posição em que, nós ouvintes, nos colocamos diante da escrita do sujeito surdo.

Isto pode parecer estranho; no entanto, é justamente dele que trato aqui. Minha intenção é fazer ressoar esse estranho, criando outras sonoridades. Trata-se, portanto, de, pela estranheza, provocar uma outra escuta para a questão que elejo neste trabalho. Escuta outra, desse outro, o surdo sim, mas, sobretudo, de todos aqueles que, direta ou indiretamente, convivem com ele, o que afeta a escuta de nós mesmos. Afetados em nossa escuta de nós mesmos, espero poder criar um diálogo mais autêntico entre sujeitos surdos e ouvintes, em que ambos possam se sentir contemplados nesse processo de criação e recriação constantes que se dá por meio da escrita.

Diante do que foi exposto, o trabalho será estruturado da seguinte maneira: um capítulo inicial, em que trarei elementos da educação dos surdos com o intuito de situar historicamente as relações estabelecidas entre “mundo surdo” e “mundo ouvinte”, priorizando o peso que essa singularidade (surdez) teve na aceitação desses sujeitos.

Um segundo capítulo, em que focalizarei a escrita, apresentando alguns de seus significados e funções, relacionando-os com as demandas do sujeitos surdos, para buscar pistas sobre os motivos dessa relação ser dita “problemática” pelos ouvintes.

O terceiro capítulo contará com um diálogo efetivo com produções textuais de dois sujeitos surdos. Para tanto, serão discutidas entrevistas abertas que foram realizadas com o intuito de conhecer a história de vida de cada um e a relação que cada um deles considera ter com a escrita. O segundo passo será a análise de textos produzidos por esses sujeitos, análise esta que, como dito anteriormente, terá como objetivo conhecer melhor esses sujeitos, assim como a relação que mantêm com a escrita, a fim de podermos entender como se dá ou pode vir a se dar seu processo de autoria em relação a esta.

Cada sujeito da pesquisa produziu quatro textos distintos. Um texto sobre vida profissional, em que foi solicitado que eles narrassem, por meio escrita, seu percurso profissional; não foram dadas recomendações sobre a estrutura do texto ou especificações sobre seu conteúdo. Cada sujeito ficou livre para seguir o caminho que acreditou mais pertinente.

O segundo texto foi produzido a partir da leitura da poesia “Ausência”, de Vinícius de Moraes, encontrada no anexo IV desse trabalho. O gênero poesia foi incluído nessa pesquisa em virtude das inúmeras queixas quanto ao entendimento de sua significação por parte de sujeitos surdos. A escolha específica dessa poesia foi de cunho pessoal.

Para a produção desse texto, o sujeito teve tempo livre para ler e reler quantas vezes julgou necessário, também teve a sua disposição um dicionário. Abstive-me de sanar qualquer dúvida sobre o texto, para evitar que minha leitura pessoal permeasse a produção. A proposta é que cada sujeito, após ler, registre suas impressões sobre a poesia.

A terceira proposta de produção partiu da leitura do texto “Mendoncinha”, de Luis Fernando Veríssimo, encontrada no anexo V desse trabalho. Nesse caso, a escolha do texto ocorreu em razão de uma conhecida dificuldade encontrada por sujeitos surdos em compreender piadas. A dinâmica de produção se assemelhou à anterior: cada sujeito contou com o tempo que julgou necessário, tendo o dicionário à disposição, mas não houve interlocução com a investigadora acerca do texto. A proposta, como no caso anterior, também foi o posterior registro de impressões.

Como última atividade, foi proposta a produção de um texto com temática livre, cujo objetivo é verificar, em contexto de liberdade de criação, o que interessa a esses sujeitos.

Para acessar os sujeitos da pesquisa contei com a indicação de um membro da Associação dos surdos de São Paulo, foram indicados cinco sujeitos dos quais dois foram escolhidos por apresentarem histórias de vida contrastantes. Depois de explicitar a proposta do trabalho e os objetivos todos os sujeitos da

pesquisa concordaram e assinaram o termo de consentimento presente no anexo I desse trabalho. O projeto foi considerado pertinente pelo Comitê de Ética, sob protocolo: 061/2006, presente no anexo II deste trabalho.

Os textos foram realizados em oficinas de linguagem[1], semanais, contando com os dois sujeitos da pesquisa. Os temas foram mantidos para todos os sujeitos com o intuito de unificar as condições de produção. Os sujeitos da pesquisa são considerados surdos qualitativamente, isso quer dizer que o fator de escolha foi baseado na condição social, isto é, eles se consideram surdos e são considerados surdos pela sociedade.

Esse capítulo terá forma de diálogo, ou seja, os textos serão cindidos e a cada trecho “chamarei” elementos dos capítulos anteriores para discussão.

Não será encontrado nesse trabalho um capítulo específico sobre o método. O foco desse trabalho serão os olhares para a surdez vista como diferença; desse modo, sua organização fugirá à norma padrão, pois procurarei dar destaque ao efeito de estranheza gerado ao longo dessa pesquisa, e que foi seu grande mobilizador.

Cada início de capítulo contará com um poema, que servirá inicialmente para suscitar questionamentos e posteriormente poderão ajudar na discussão.

Na conclusão, apresentarei a relação entre os capítulos e as respostas (sempre provisórias e parciais) que por ventura surgirem das discussões...

Capítulo 1

Uma profusão de vozes

O estranho
Bate:

na amplitude interior
não há resposta.

É o estranho (o irmão) que bate
mas nunca haverá
resposta:

muito além é o país
do acolhimento

(Orides Fontela, “Porta”)

[1] O termo oficinas de linguagem designa os encontros semanais (em consultório, mas sem intuito terapêutico) dos sujeitos da pesquisa com o autor desse trabalho para realização das produções escritas.

1.1. Afinando os instrumentos...

Um rápido olhar para a História da Humanidade já nos indica o quanto sempre foi difícil lidar e mesmo aceitar aquele/aquilo que causava estranhamento, tanto para as culturas ditas “civilizadas” quanto para os povos primitivos.

Uma das razões para tanto, podemos pensar, particularmente no caso das culturas ditas civilizadas, estaria no próprio fato de que, para se estabelecerem como sociedade, era preciso agrupar-se em torno de idéias e ideais comuns; comuns não só no sentido de uma identidade de pensamento como de uma predominância de um modo de pensar e agir. Se é assim, qualquer um ou qualquer coisa que fugisse a esse ideal ou a uma certa forma de apreensão e compreensão de mundo deveria ser excluído, como divergente, como uma ameaça ao grupo que se configurava.

Foi assim que cada época elegeu suas “armas” para o combate ao diferente: queimando bruxas, instaurando guerras religiosas ou promovendo campanhas higienistas e políticas de normatização.

As ideologias variavam em credos e em situações sociopolíticas, mas o cerne da questão sempre foi apagar a diferença; aquilo que incomoda, que questiona os padrões, tem de ser trazido à norma ou ser banido.

Para estes dois casos, a História nos fornece os fatos. E é só a título de exemplo que vale lembrar duas passagens tão famosas como cruéis que ilustram bem o que já significou banir e trazer à norma. Muito mais do que isso, esses dois episódios servirão como grandes modelos que acabarão por reger a forma como a diferença e/ou o diferente serão vistos ao longo dos tempos. Mesmo hoje, com todo o avanço que podemos reivindicar no tratamento a essa questão, ainda encontramos resquícios desses modelos.

Em relação ao primeiro caso – banir –, podemos citar o episódio conhecido como “a nau dos loucos”. Trata-se, aqui, de acomodar os “doentes mentais” em um barco e lançá-los ao mar. Deixados à própria sorte, o seu destino era certo: a morte. Encontramos, nesse episódio, a radicalização do modo como se lidava com a diferença, ou seja, pela sua erradicação. Vemos, portanto, que o que se pretendia era manter a diferença/o diferente longe dos olhos, procurando-se com isso, de certa forma, afastar e eliminar a ameaça tanto no plano coletivo como no plano individual, “dentro de si”. Diante da ameaça à razão, a desrazão, mais do que afastada, banida, precisava ser extirpada do convívio com o grupo e consigo mesmo. Ou seja, a convivência com a diferença – neste caso específico, a loucura – poderia ser tomada como contaminação individual ou em massa.

No que se refere ao segundo caso – trazer à norma –, em um paralelo com a “nau dos loucos”, encontramos, em determinado momento da história, a não menos famosa e não menos cruel “cama de Procrusto”[2]. Usada para tortura, serviu como uma excelente metáfora de como se procurava lidar com a diferença: adequando-a a uma certa forma/fôrma. Dentro dessa fôrma, o que sobrava, era extirpado; o que faltava, era esticado até atingir o tamanho adequado.

O mito de Procrusto é tomado, aqui, como elemento de tortura, longe do propósito educativo inicial, como lembra Aristóteles. Ou seja, a idéia era fazer com que cada um pudesse encontrar seu “*métron*”, ou seja, seu tamanho, sua medida ou, de forma mais ampla, seu lugar. A Tragédia perde seu caráter formador para servir ao propósito enformador, tanto no sentido estrito do termo, quanto metaforicamente.

A pertinência de citar esses dois exemplos, como já pôde ser depreendido, é chamar a atenção para como, independentemente de época ou de cultura, parece sempre haver um modelo para se lidar com aquilo que escapa à norma, ou

[2] O mito encontra-se na íntegra no anexo III.

à compreensão, resvalando sempre para formas de exclusão e de normatização da diferença, do diferente.

Não é casual, portanto, que nos deparamos, particularmente na transição do século 18 para o 19, com as famosas políticas asilares ou de confinamento. À revelia do sujeito, este era expropriado de seus bens e de sua vontade e confinado em um asilo para tratar daquilo que ameaçava o meio: desde a doença mental até a tuberculose, a “lepra”.

Felizmente, se hoje temos políticas anti-asilares, que já apresentam resultados na prática, infelizmente, esses modelos de exclusão e normatização ainda persistem, de formas mais ou menos explícitas, regendo pensamentos e ações.

Não me parece muito difícil entender por que ainda vigoram muitas políticas de exclusão ou pensamentos “normativos”. Diante do diferente, da diferença, ter sempre à mão um modelo, uma regra, oferece mais tranqüilidade. Por mais que eu possua um discurso alteritário, efetivamente diante dessa alteridade sinto-me ameaçado, como se meus recursos teóricos, práticos e vivenciais não fossem dar conta. Portanto, diante do diferente, da diferença, procuro me refugiar nos modelos conhecidos para “lidar” com o outro, seja para excluí-lo seja para normatizá-lo.

O que pretendi com essa discussão inicial foi criar um solo para poder pensar mais especificamente no caso da surdez. Ou seja, como diferente da norma, o surdo em maior ou menor grau, vai ser alvo desses mesmos modelos. Citando a célebre frase de Clarice Lispector, em seu livro *A hora da estrela*, ao falar de sua personagem Macabéa, “numa cidade toda feita contra” ele, o surdo terá de aprender a compreender, a lidar – e mesmo se defender – com esse meio no qual está inserido e que se opõe a sua singularidade. Precisa, sobretudo, aprender a interpretar, nos diferentes contextos – familiar, escolar, social etc. – as

“políticas” que, em nome de seu bem-estar, acabam por confiná-lo a lugares que não deseja, que determinam suas possibilidades de subjetivação.

Na intenção de protegê-lo, o outro assume um saber sobre ele que, comumente, o deixa de fora, o exclui. Preocupados com sua inserção nos meios que freqüenta, deixam, por vezes, de escutá-lo na sua singularidade, no seu desejo.

A discussão que segue, desse modo, pretende “escutar” alguns elementos educacionais da história dos surdos, explicitando a evolução do “Oralismo” à “Comunicação Total” e, desta, ao “Bilingüismo”, com o intuito de reposicionar o olhar – ou o ouvido – para os surdos nos diferentes momentos históricos. Como não se trata de uma investigação profunda, e sim de destacar nesse trajeto alguns pontos mais relevantes para minha discussão, decidi dialogar com o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue –Língua de Sinais Brasileira*, de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael, ambos psicólogos vinculados ao trabalho com surdos e Língua de Sinais. Aqui, as informações são apresentadas de modo objetivo e pontual, sem avaliações críticas.

Nesse diálogo, pretendo enfatizar aqueles aspectos que possam me auxiliar na proposição de um novo modo de escutar o surdo e a surdez, que possa contemplá-los, dando-lhes voz.

Dito de outro modo, nesta e nas demais partes desse trabalho, me esforço para “acolher” o surdo e a surdez, diminuindo a distância entre os mundos distintos que parecem habitar ouvintes e não ouvintes, atendo ao chamado destes, estranhos – irmãos – que batem à nossa porta...

1.2. Tocando de ouvido

Durante séculos houve a crença de que o surdo não seria educável ou responsável por seus atos: "*No Século IV a.C., Aristóteles supunha que todos os processos envolvidos na aprendizagem ocorressem através da audição*" (Capovilla e Raphael, 2001; p.1.480)

Sendo assim, os surdos eram considerados menos educáveis que os cegos. Importante notar que estamos falando aqui de uma época em que a linguagem falada era a forma vigente de transmissão de saber, o que torna fácil compreender essa forma de olhar os sujeitos surdos.

Como eles não se "enquadravam" na filosofia da época, eram marginalizados, tidos como incapazes; diante do não saber lidar e/ou do medo da diferença, do diferente, estes deviam ser postos de lado e aí mantidos, a fim de não ameaçar a norma, a "comodidade" da sociedade.

Na Idade Média, ou Idade das Trevas, acreditava-se que o surdo não alcançaria a salvação, já que a fé provinha de ouvir a palavra de Cristo. Essa época é conhecida pela escassez de pensamento novo e o poder está nas mãos da Igreja, que não se interessava por mudanças.

Nesse período, a surdez impedia que o sujeito pertencesse tanto ao universo social quanto ao universo espiritual, ou seja, o surdo se vê excluído de "dois mundos". Se existia a surdez como uma condição do sujeito que o excluía desses dois mundos, existia também uma surdez em relação a esses sujeitos em virtude da diferença. Surdez que, não esqueçamos, se dava ainda em relação ao mundo do conhecimento. Novos conhecimentos ou mudanças significam, nesse contexto, perda de poder, de controle.

Séculos mais tarde, religiosos começam a trabalhar com surdos com o intuito de conceder-lhes a possibilidade de salvação divina. Essa intervenção de religiosos na educação de sujeitos surdos tinha um objetivo pontual, isto é, não se baseava no cuidado com o desenvolvimento desses sujeitos, com uma preocupação com seu bem-estar, possuíam unicamente a finalidade de transmitir-lhes a palavra de Cristo, a salvação, ainda que esta significasse, aqui, controle. Sim, pois se eu não conheço algo, não sei lidar com algo/alguém, a melhor coisa a fazer é mantê-lo sob controle.

De qualquer forma, já temos aqui uma certa forma de avanço, representada pelo incômodo que esse grupo marginal começa a causar na Igreja, como a grande potência da época, obrigando-a a movimentar-se, a reconhecer sua existência.

A preocupação da Igreja, nesse momento, era que o surdo pertencesse ao mundo espiritual, o que não garantia seu acesso ao mundo social, à comunidade, apesar de garantir-lhe um certo lugar, não como cidadão de fato, mas como alguém a ser “convertido”, o que significa dizer aqui, controlado, normatizado.

Em meados do século XVI, Gerolano Cardano propôs um conjunto de princípios que prometiam ajuda educacional e social aos surdos, afirmando que esses sujeitos poderiam ser pensantes, compreender símbolos gráficos ou combinações de símbolos associados a objetos ou figuras que o representassem. Nota-se que, até esse momento, a crença era de que o surdo fosse intelectualmente inferior; portanto, inicia-se um trabalho educativo, mas com base na crença de suas limitações e não nas potencialidades desses sujeitos.

Assim, no início de 1555, surgiu a educação oral para crianças surdas. Nessa época, a figura do preceptor/professor era muito comum. Famílias nobres contratavam seus serviços para garantir que seus filhos surdos não ficassem privados de seus direitos legais, isto é, fossem reconhecidos como pessoas, em

termos da lei, e pudessem herdar títulos e propriedades de suas famílias. Quanto aos sujeitos surdos menos favorecidos, não havia trabalhos desse tipo, imagina-se que eles viviam em comunidades surdas e desenvolviam linguagem própria, provavelmente baseada em sinais, mas nada disso é comprovado.

Aqui, mais uma vez, mostra-se o “apagamento” histórico desses sujeitos; assim como o trabalho educacional dos religiosos, o trabalho dos preceptores tinha um objetivo pontual – o enquadramento na ordem legal. Novamente, o surdo é convocado a participar das normas da sociedade, mas sem conferir-lhe legitimidade como sujeito social. O mote do movimento foi, mais uma vez, o desejo, ou melhor, o interesse dos ouvintes.

Essa nova “demanda” acaba propiciando que métodos de ensino sejam desenvolvidos para os sujeitos surdos. Na segunda metade do século XVIII, havia dois métodos predominantes de ensino de surdos: O Francês (de sinais) e o Alemão (oralização).

Segundo Capovilla e Raphael (2001): “o método Francês do abade L’Epée”, e originado em Paris, concebia a linguagem dos sinais como a língua natural dos surdos, veículo adequado para desenvolver o pensamento e a comunicação. Nesse método, acreditava-se na diferença entre linguagem e fala e na importância do desenvolvimento pleno da linguagem, isto é, a língua dos sinais era vista como um lugar privilegiado para o surdo expressar-se com completude e clareza, tornar-se um ser pensante.

O “método Alemão, de Heinicke”, criado em Hamburgo e Leipzig, por sua vez, enfatizava o desenvolvimento da oralização. Nesse método, acreditava-se que o pensamento só era possível por intermédio da língua oral e dependia dela. O ensinamento por meio da linguagem dos sinais significava, então, ir contra o avanço dos alunos.

Em 1880, foi realizado um congresso internacional de educadores de surdos, em Milão, que acarretou mudanças drásticas nos rumos da educação de surdos e, por isso, é considerado um marco histórico.

O método Alemão vinha ganhando forças, acompanhando o destaque político da Alemanha na comunidade internacional da época, sendo assim, o congresso foi preparado por uma maioria oralista.

Ficou decidido, nesse congresso, por meio de votos, o uso exclusivo e absoluto do método oralista e a exclusão da Língua de Sinais das instituições.

A única oposição feita às resoluções do congresso partiu de Thomas Hopkins Gallaudet[3] que, em 1817, tinha fundado, juntamente com Laurent Clerc, o asilo americano para educação e instrução de "surdos-mudos", baseado nos sinais do abade L'Epée e que, nesse momento, reportou-se aos sucessos obtidos por seus alunos para discordar dos argumentos apresentados. Mas sua oposição caracterizou-se por ser pontual, sem maiores repercussões no rumo da história.

O que se pôde concluir desse episódio foi *"O esforço dos detentores do poder de mostrar que tudo o que surge no seu meio social é intrinsecamente bom e válido e, por conseguinte, deve ser adotado como modelo ideal, por todos os demais membros da sociedade"* (Bagno, 2002; p.29;).

Importante notar que esse congresso não contou com a participação ou opinião dos surdos. O método oralista tornou-se dominante, pois um grupo de educadores ouvintes impôs a superioridade da língua oral, sendo decretado então que essa deveria constituir-se em único objetivo de ensino de surdos.

---

[3] Interessante notar que a única universidade de ciências humanas voltada para surdos leva seu nome: Gallaudet University, fundada por seu filho e ambicionada por surdos de todo mundo.

O papel central da linguagem para o desenvolvimento humano nunca foi negado. A crença era de que a linguagem permitiria a comunicação social, emocional e intelectual do ser humano acerca de todos os aspectos da realidade, concretos e abstratos, presentes e ausentes. Sem linguagem competente, o sujeito ficaria preso a comportamentos estereotipados apreendidos em situações limitadas e a única forma válida de linguagem era a língua oral.

Como meio de colocar em prática tais resoluções termina uma época de convivência pacífica entre a língua falada e a gestual na educação dos surdos; os professores surdos, que antes intervinham na educação, de modo a ensinar/transmitir um certo tipo de cultura e de informação por intermédio do canal viso espacial, foram expulsos das instituições.

Portanto, o objetivo do oralismo era integrar o surdo como membro produtivo do mundo dos ouvintes. A filosofia pretendia fazer uma reabilitação da criança surda em direção à “normalidade”, à “não surdez”. Isto é, não havia lugar para a diferença, a surdez, então é instaurada a política de normatização; como não se podia curar a surdez, procurava-se fazer com que o surdo vivesse regido pela língua dos ouvintes.

O oralismo e a supressão da Língua de Sinais tiveram como conseqüência a deterioração das conquistas educacionais e do grau de instrução alcançados por esses sujeitos.

Segundo Capovilla e Raphael (2001; p.1.482) : *“Em todo mundo, apenas um pequeno percentual daqueles que perderam a audição precocemente consegue oralizar de modo suficientemente inteligível a terceiros”* .

Além desta dificuldade, a articulação incomum do surdo oralizado é, na maioria das vezes, recebida com estranhamento por parte dos ouvintes.

Quanto ao grau de proficiência em leitura e escrita, sob o método oralista, as habilidades dos surdos tendiam a limitar-se ao nível da terceira à quinta série do atual ensino fundamental.

Sacks (1998), acerca dessa questão, afirma que a supressão de sinais gerou a deterioração da instrução de surdos em geral. Segundo o autor:

> *Muitos dos surdos são analfabetos funcionais. Um estudo realizado pelo Gaullaudet College em 1972 mostrou que o nível médio de leitura dos surdos de dezoito anos que concluíram o curso secundário nos Estados Unidos atingia apenas o nível de um aluno de quarto ano primário, e um estudo do psicólogo britânico R. Conrad indica situação semelhante na Inglaterra, onde os alunos surdos, formando-se no secundário, lêem no mesmo nível de crianças de nove anos (ibid.; p.41).*

Idealistas do oralismo justificavam os resultados afirmando que as limitações surgiam pela falta de um diagnóstico precoce, pela amplificação tardia e por não existir pessoal qualificado.

Diante disso, o método oralista seguiu predominante sem maiores questionamentos até que, na década de 1960, começou-se a pensar na real eficácia da filosofia educacional oralista. Esta precisava obter melhores resultados ou dar lugar a uma outra filosofia de ensino, que fosse mais eficaz.

Para dar conta dessa questão, várias atitudes foram tomadas, tais como:

> *... desenvolvimento de aparelhos auditivos na década de 1960, os projetos de intervenção precoce e o desenvolvimento de novos modelos de gramática na década de 1970. Na década de 1980, houve novos desenvolvimentos tecnológicos na acústica dos aparelhos auditivos e programas de computador para auxiliar a percepção da fala como Phonater e Visible Speech. Na década de 1990, foram os implantes cocleares e os programas de treino auditivo intensivo nos primeiros anos de vida*. (Capovilla e Raphae,2001; p.1.482).

Interessante notar que o caminho escolhido pelos oralistas para melhorar resultados no sentido da supressão da surdez foi investir em tecnologias para aproximar ao máximo o surdo do ouvinte.

Apesar de sucessos individuais, os resultados continuavam muito aquém das expectativas quanto à aquisição e ao desenvolvimento da linguagem oral nesses sujeitos.

> *Como o objetivo maior da filosofia oralista era permitir o desenvolvimento da linguagem e como ela nunca chegou a realizar satisfatoriamente este objetivo, passou a tornar-se cada vez mais atraente a idéia de que aquele mesmo objetivo de permitir ao surdo a aquisição e o desenvolvimento normais da linguagem poderia vir a ser alcançado por uma outra filosofia (ibid; p.1.482).*

Com esse pano de fundo, nasce a filosofia educacional da Comunicação Total, que não enfatizava a língua oral, mas todo e qualquer meio possível de linguagem, incluindo os sinais.

Na Comunicação Total, a produção de sinais segue a ordem da fala, os sinais são empregados simultaneamente à fala, podendo transmitir assim à criança surda algumas regras da língua falada que aparecerão na escrita.

O grande mérito dessa concepção consiste em deslocar a língua oral como principal objetivo da educação de surdos. A prioridade é a comunicação dos surdos, os quais deixam de ser vistos como portadores de uma patologia e passam a serem considerados pessoas capazes.

> *Com a filosofia da Comunicação Total e a conseqüente adoção da língua falada sinalizada nas escolas e nos lares, as crianças começaram a participar de conversas com seus professores e familiares de um modo que jamais havia sido visto desde a adoção do Oralismo estrito* (Hansen, 1990 apud Capovilla e Raphael, 2001; p.1.482).

Na década de 1970, idealistas da Comunicação Total notaram que apesar da incontestável melhora em termos de comunicação do surdo com o mundo ouvinte, os resultados esperados na leitura e na escrita não se concretizaram satisfatoriamente.

Depois de muitas pesquisas notou-se que: *"... as crianças não estavam obtendo uma versão visual da língua falada na sala de aula, mas, sim, uma amostra lingüística incompleta e inconsistente, em que nem os sinais, nem as palavras faladas podiam ser compreendidos por si sós"* (Ibid; p.1.486).

Percebe-se, então, que na Comunicação Total há uma mistura de duas línguas, a oral e a gestual, o Português Sinalizado, em que a introdução de elementos gramaticais de uma língua na outra interfere no uso eficaz de cada uma.

Assim, o Português Sinalizado não parecia mais suficiente para uma comunidade que estava se familiarizando, por meio da disseminação das pesquisas e do aprofundamento da compreensão da complexidade lingüística das Línguas de Sinais, com a riqueza de sua própria língua. Com o avanço das pesquisas surgiu a expectativa de que a própria Língua de Sinais, e não mais o Português Sinalizado, fosse o caminho adequado à educação e ao desenvolvimento do surdo.

Surge, desse modo, o Bilingüismo, uma "filosofia educacional" que apreende a Língua dos Sinais em sua forma genuína, isto é, como língua natural dos surdos, com um sistema abstrato de regras finitas, as quais possibilitam a produção de um número ilimitado de frases e que como fim social permitem a comunicação efetiva de seus usuários e crê, ainda, que a Língua de Sinais e a língua falada podem conviver lado a lado, mas não simultaneamente.

O Bilingüismo tem como pressuposto básico que o surdo deve falar duas línguas, ou seja, deve adquirir como língua materna a Língua de Sinais, que é considerada a língua natural dos surdos, e, como segunda língua, ou primeira língua estrangeira, a língua oficial de seu país.

A Língua de Sinais, segundo seus defensores, serviria como base para a “formação” desses sujeitos, ou seja, prevê a inserção do surdo no universo da linguagem e tudo o que isso implica, como o desenvolvimento do pensamento, uma identidade, a participação no mundo de forma mais plena e segura.

Por outro lado, a língua oral e escrita em Português, no caso do Brasil, contribuiria, do mesmo modo, para a comunicação do surdo com o meio ao qual está inserido.

Os defensores do Bilingüismo encaram o surdo de uma forma bastante diferente dos oralistas e dos partidários da Comunicação Total: para os bilingüistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez.

Segundo os autores, o Bilingüismo legitimou a língua própria dos surdos dando-lhes mais autonomia e identidade, fortalecendo o grupo.

A Língua dos Sinais representa um grande avanço para a comunicação dos sujeitos surdos, sobretudo ao propiciar que eles possam falar de si com mais proficiência, expressar opiniões, enfim, inserirem-se no mundo de maneira mais efetiva. Em outras palavras, trata-se de uma língua mais próxima a seu universo vivencial, portanto que o contempla mais diretamente.

Importante salientar que o Bilingüismo é uma filosofia recente, sua aplicação requer cuidados e mais estudos lingüísticos com relação à Língua de Sinais de cada país, sendo assim, torna-se complicado avaliar sua eficácia. De

qualquer maneira, as três vertentes educacionais dos surdos - Oralismo, Comunicação Total, Bilingüismo - coexistem na atualidade, mostrando-nos que não há nada de consensual no âmbito dessa questão. Fica, então, inicialmente a critério dos pais o caminho que será trilhado por esse sujeito.

Esse caminho será partidário, por sua vez, das experiências e vivências de cada família com relação à surdez. Cada família reagirá de uma maneira a esse bebê surdo. Não há regras nesse caso, o que podemos dizer é que há uma tendência entre os pais ouvintes, aqueles para os quais a surdez é uma novidade assustadora, de tentar aproximar ao máximo seu filho surdo do mundo ouvinte. Não é de se admirar que esses pais tentem fazer com que seus filhos surdos se insiram da melhor maneira no mundo dos ouvintes, o mundo que lhes é natural, ao qual pertencem. Uma tentativa legítima de resgate do filho ideal, mas fadada ao fracasso, já que o surdo está imerso na linguagem, mas uma outra forma de linguagem, a linguagem mímica.

O surdo, neste caso, é o estrangeiro em sua terra natal, ele quebra o paradigma da língua materna no momento em que se constitui em uma língua que não é a oficial de seu(s) país/pais. Por isso o estranhamento; estranhamento constante do surdo que não se sente pertencendo e estranhamento dos outros (ouvintes) diante desse irmão estrangeiro.

Uma tendência oposta e conhecida acontece entre pais surdos; nesse caso, a surdez é um fator de identificação, não há surpresa, em sendo assim, a primeira língua da criança será a Língua de Sinais.

Nos dois casos, a ideologia é trazer a criança à semelhança, ao grupo familiar, à língua que, em primeira instância, legitima esse grupo.

Como disse anteriormente, muitos progressos já foram feitos no trabalho com surdos, mas muito há ainda por fazer.

Ao expor esse breve quadro sobre o olhar para a diferença, particularmente no contexto do surdo/surdez, pretendo chamar a atenção para o quanto precisamos ampliar nosso olhar e apurar nossa escuta para o que difere de nosso universo de referência e nos interroga constantemente, exigindo de nós um reposicionamento constante diante dos fenômenos que nos cercam, particularmente aqueles que diferem de nossa forma que compreensão de mundo, de nós mesmos, dos outros.

Esse modo de compreender a questão implica, portanto, uma visão ética, em que não podemos perder de vista que querer o melhor para outro, tanto quanto para mim, não significa que o melhor para o outro seja o que julgo melhor para mim. Somos sujeitos diferentes, com nossas singularidades, e não podemos esquecer disso jamais.

Ao pretender pensar e propor uma nova forma de se compreender a surdez e o sujeito surdo, precisamos primeiro nos abrir para a diferença que nos constitui, para os sujeitos diferentes que somos, ao mesmo tempo “eu mesmo” e “um outro”. Ou seja, se sou um sujeito de relação, em interação constante com o mundo, com o outro, estou sempre sendo transformado por essas experiências. Sendo assim, sempre estamos em processo de diferenciação.

É nessa perspectiva, acredito, que devemos procurar entender todos os métodos de trabalho com surdos, para que estes possam ser acolhidos na diferença que os constitui, que constitui a todos nós. Que constitui a própria linguagem.

Finalmente, resgatando o poema que serviu como mote desse capítulo e pensando as questões aqui propostas, acredito que possamos criar, em nós, a ressonância necessária para escutar esse nosso irmão, estranho, que bate à nossa porta, respondendo-lhe de nossa “amplitude interior” e diminuindo a

distância que nos separa desse “país do acolhimento”. Diante dessa profusão de vozes que ecoam ao longo da história dos surdos, deixar espaço para a escuta do silêncio revelador.

Capítulo 2

Primeiros rabiscos

Tudo
será difícil de dizer:
a palavra real
nunca é suave.

Tudo será duro:
luz impiedosa
excessiva vivência
consciência demais do ser.

Tudo será
capaz de ferir. Será
agressivamente real.
Tão real que nos despedaça.

Não há piedade nos signos
e nem no amor: o ser
é excessivamente lúcido
e a palavra é densa e nos fere.

(Toda palavra é crueldade.)

(Orides Fontela, “Fala”)

2.1. A Escrita

Como vimos no capítulo anterior, não há nada de consensual no que diz respeito à educação de sujeitos surdos. Na verdade, podemos ver na literatura da área uma denúncia constante sobre as dificuldades encontradas por esses sujeitos em todas as esferas educacionais.

Neste capítulo, irei me deter particularmente na relação do sujeito surdo com a escrita. Essa questão tem ultrapassado o âmbito da pesquisa por parte de fonoaudiólogos, educadores, lingüistas e já vem sendo enunciada pelos próprios surdos. Ou seja, torna-se uma questão enraizada no próprio sujeito, que passa a ser porta-voz de algo que lhe diz respeito diretamente, que lhe causa incômodo.

A demanda, da parte dos surdos, surge, geralmente, em virtude de dificuldades e, por vezes, falhas no processo acadêmico e ganha força no momento de sua inserção no mercado de trabalho. Ou seja, no contexto do uso efetivo e “correto” da escrita. Aqui, mais do que em outro momento, o sujeito surdo é confrontado com seu modo singular de se apropriar e fazer uso da escrita, não correspondendo àquilo que o outro (a “norma”, seja representada por um outro sujeito ou pelas regras lingüísticas) espera. Mais adiante, discutirei melhor esta questão.

Neste capítulo, portanto, pretendo discutir alguns elementos da língua escrita e, posteriormente, relacioná-los com o mundo surdo, na tentativa de encontrar algumas diretrizes que nos orientem numa compreensão mais abrangente sobre o modo particular com que os sujeitos surdos apreendem o código escrito. Assim, poderemos pensar estratégias mais eficazes e contextualizadas que ajudem esses sujeitos a se tornarem autores, de fato, de *sua* escrita.

A escrita se for considerada em sua etimologia, “gravar, fazer uma marca”, é cronologicamente anterior a fala.

Segundo Higounet (2003; p.9): *“Diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos”*.

Se analisarmos esses primeiros desenhos, entendidos como escrita, notamos uma maior aproximação à “Oralidade”. Havia uma correspondência mais direta (o desenho de um leão, queria dizer “leão”), havia uma encenação do fato. Trata-se de uma escrita menos “arbitrária”.

Segundo Barthes (1974; p.11): *“O que se perde na transcrição é o corpo, seu e do outro”.*

O autor, com essa afirmação, nos remete ao distanciamento entre fala e escrita. Se na oralidade há uma relação mais direta entre dois ou mais interlocutores com papéis imediatamente reversíveis, na escrita há um código que estabelece hierarquias.

Com a passagem da escrita pictográfica – em que a gestualidade e o visual assumiam um papel primordial – para a escrita fonética, a relação do homem com ela também muda.

A escrita surge da necessidade de registro, isto é, da necessidade de se construir um código menos perecível que pudesse ser utilizado como meio de comunicação por interlocutores distantes tanto no tempo como no espaço.

Analisando o mote de criação desse outro código, o escrito, já podemos discutir algumas diferenças entre oralidade e escrita. Na oralidade há uma reversibilidade imediata de papéis entre interlocutores, o que em primeira análise

torna a comunicação mais ágil, além de propiciar explicação instantânea a qualquer mal-entendido. Os interlocutores estão inseridos na mesma situação comunicativa, o que implica a ausência de necessidade de se criar o contexto.

Já na escrita há a ausência física do interlocutor, o que demanda, para uma compreensão mais plena da mensagem, maior detalhamento, circunscrição de contexto comunicativo; a escrita pressupõe comumente o desconhecimento do interlocutor, o que acarreta a necessidade de maior coerência e coesão do discurso. Além de ter um produto, um documento de que ali houve um interlocutor.

Segundo Rojo (1991; p.40):

> *No discurso escrito, permanente, há a possibilidade de planejamento prévio e de retomada e revisão do texto na produção; por outro lado, há a necessidade de retomada de trechos anteriores do texto para compreensão, o que, na modalidade oral do discurso, é facilitado pelos padrões entonacionais, pela gestualidade, pelo contexto, além de sempre existir, nesse ultimo caso, a possibilidade de esclarecimento imediato de dúvidas, dada a presença dos interlocutores.*

Além dessas diferenças, não se pode deixar de citar o canal de comunicação, que se na oralidade é o ar (que transmite o som), na escrita (atual) é o papel, a tela do computador.

Por todas essas diferenças, fez-se necessária a padronização de um código – o código escrito – que se, em um momento inicial é o retrato da evolução do homem e de suas formas de representação de si e do mundo, marca também um certo distanciamento de si e do mundo. Nas palavras de Barthes, uma “perda” do corpo.

Os códigos gráficos sofreram grandes mudanças até chegarem ao código escrito de cada sociedade. Centrando-nos no nosso código, teremos a representação dos fonemas (som) por grafemas (imagens gráficas).

Hoje a escrita é tão intrínseca a nossa sociedade que não poderíamos nos imaginar sem ela. De acordo com Higounet (2003; p.10):

> *Vivemos os séculos da civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E sobretudo não existe história que não se funde sobre textos.*

O que podemos facilmente concluir é a importância do domínio do código escrito para se pertencer à sociedade atual. Importância esta que mobilizou estudiosos de diferentes áreas de conhecimento (educação, fonoaudiologia, lingüística, entre outros) a buscar respostas quanto a melhor maneira de trazer o sujeito ao uso competente deste código.

Durante muito tempo considerou-se a língua como homogênea, ou seja, a comunicação escrita era tida como mera transcrição de códigos: do oral (sonoro) para o escrito (gráfico). Em sendo assim, o que ocorria era um treinamento das normas da escrita. Com o tempo, notou-se que mesmo em casos de crianças que não apresentavam distúrbios (sejam neurológico, cognitivo, motor, auditivo), muitas vezes dificuldades emergiam no sentido de dominarem a leitura e se tornarem capazes de uma expressão de modo claro e coeso via escrita. Esse fato mostra que, no processo de aquisição do código escrito, a capacidade de codificação e decodificação não dá conta da apreensão e compreensão do funcionamento da língua escrita.

Sim, a oralidade traz pistas para a construção da estrutura da linguagem escrita, mas, essa *"ganha autonomia como sistema simbólico, podendo operar por*

si mesmo, não exigindo a obrigatória mediação da oralidade para objetivação da realidade" (Fernandes, 2006, p.133).

Torna-se necessário, assim, uma nova investigação e teorização, principalmente por parte das disciplinas surgidas dentro do campo da lingüística para dar conta dessas diferenças estruturais entre códigos.

Segundo Bagno (2002; p.14):

> *O tradicional exame da 'língua em si' (que se detinha exclusivamente na gramática da frase, considerada apenas em suas dimensões fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais) deixou de ser o foco exclusivo das investigações científicas da linguagem, que têm se lançado cada vez mais na busca da compreensão dos fenômenos da interação social por meio da linguagem, da relação entre língua e sociedade, da aquisição da língua pela criança, dos processos envolvidos no ensino formal da língua, do controle social exercido pelas ideologias veiculadas no discurso etc.*

No contexto dessa evolução surge a noção de Letramento no vocabulário da Educação e das Ciências Lingüísticas.

Segundo Soares (2004; p.16): *"Novas palavras são criadas (ou a velhas palavras dá-se um novo sentido) quando emergem novos fatos, novas idéias, novas maneiras de compreender os fenômenos".*

Sim, estamos falando aqui de uma nova maneira de encarar a língua; esta deixa de ser vista como fenômeno abstrato e passa a ser estudada em seu funcionamento.

Então, para uma relação saudável do sujeito com a sua escrita, mostrou-se necessário que este tenha se apropriado dela, isto é, não é suficiente ser alfabetizado, saber codificar e decodificar. Faz-se necessário ir além, tornar-se

uma pessoa letrada, fazer uso da leitura e da escrita como instrumento de prática social e subjetiva, como trabalho e como lazer, encontrar o prazer de se relacionar com a realidade sendo mediado pela leitura e pela escrita. Uma pessoa letrada muda seu modo de viver na sociedade, adquire uma nova maneira de inserção na cultura. É na esteira desse tipo de discussão que podemos entender a noção de letramento, definido, segundo Soares (1999; p.3), como: *"estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade, em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral".*

Ainda segundo a autora (ibid.; p.44):

> *... é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com os diferentes gêneros e tipos que a leitura e a escrita desempenham em nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita.*

Em sendo assim, o olhar é voltado para o sujeito falante, o sujeito autor e a sua educação lingüística. Segundo Bagno (2002; p.18):

> *A educação lingüística de cada indivíduo começa logo no início de sua vida, quando, em suas interações com a família, adquire sua língua materna. Nesse processo que prossegue ao longo de toda infância e mesmo além, a pessoa vai aprendendo as normas de comportamento lingüístico que regem a vida dos diversos grupos sociais, cada vez mais amplos e variados, em que ela vai ser chamada a se inserir.*

As hipóteses que os sujeitos fazem sobre a escrita, começam a surgir antes da época de alfabetização, hipóteses estas que têm fundamental importância para o grau de interesse que o sujeito manifestará em relação à escrita.

Nota-se, aqui, portanto, a importância de conhecer o contexto social em que o sujeito está inserido para se trabalhar com eficiência a língua escrita. Se, no contexto dos sujeitos ouvintes, essas questões são extremamente relevantes, no caso dos sujeitos surdos elas assumem uma importância ainda maior. Entre tantas razões, podemos citar o fato de as interações orais, no caso desses sujeitos, serem muito mais restritas, pois o meio no qual vivem não está suficientemente preparado para interagir com eles. Nas práticas orais ou escritas, ainda é preciso um longo percurso para se compreender melhor as reais necessidades e especificidades no caso de sujeitos surdos.

Realmente, o ideal é que os sujeitos surdos possam se envolver "nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita", no entanto, é preciso estar atento, nesse caso, para criar as condições reais para a inserção segundo as singularidades do grupo. A apreensão da leitura e da escrita para esses sujeitos não se dá da mesma maneira que para os sujeitos ouvintes e nem as condições de transmissão são as mesmas.

Tomando-se por base essas considerações, cabe perguntar agora, dentro de nosso foco de interesse: o que realmente sabemos sobre o contexto social dos surdos?

Remetendo-nos ao capítulo anterior, podemos notar toda uma história de dificuldade por parte dos ouvintes em aceitar os surdos e por parte dos surdos em encontrar um lugar legítimo na sociedade.

Segundo Kristensen e Freire (2001; p.24): *"O sujeito constrói sua identidade como autor, ou seja, assume o papel de autor estabelecendo uma relação com a exterioridade e, ao mesmo tempo, com a sua interioridade".*

Em sendo assim, não é de se admirar que o surdo encontre dificuldades em exercer a autoria. O olhar para esses sujeitos vem permeado de inúmeros

preconceitos, das mais diferentes ordens, desde o incômodo causado pela diferença até a resistência à aceitação de uma outra língua, a Língua de Sinais, como própria ao grupo em questão, que comprometem o modo de relacionar-se com eles e com tudo o que se refere a seu universo, inclusive a escrita.

Diante disso, portanto, proponho-me a dialogar com algumas particularidades da constituição desses sujeitos, que me parecem relevantes para a compreensão do sujeito surdo autor de discurso escrito. É o que procuro fazer a seguir.

2.2. A escrita do surdo. Uma escrita “surda”?

A primeira diferença conhecida do grupo surdo é a diminuição e, por vezes, ausência de som. Sabe-se que um bebê ouvinte começa a familiarizar-se com o mundo dos sons ainda na barriga da mãe: os barulhos corporais, o bater do coração, a voz da mãe; assim ele se relaciona com o ambiente.

No caso de bebês surdos, essa interação tem de se dar de outra maneira, talvez temperatura, pressão, vibração, não há como precisar, mas de qualquer maneira fica claro que outros sentidos terão de suprir essa falta – se é que se pode chamar de falta a ausência de algo que nunca se teve. Nesses momentos iniciais, então, mostra-se uma diferença fundante: a interação com o ambiente dá-se de maneira diversa.

Após o nascimento, outras dinâmicas terão de ser encontradas para as relações iniciais; a voz apaziguadora da mãe, suas entonações carinhosas, a significação de seus balbucios, esses artifícios de relacionamento que acabam por trazer a criança à língua terão de ser realizados de outra forma.

A criança surda (em seus primeiros anos de vida) e seus interlocutores (geralmente familiares) criarão uma maneira de dizer, de se fazerem entender, de interagirem, uma outra linguagem; a linguagem do amor, da cumplicidade baseada no corporal, transmitida pelo olhar, pelo toque...

Segundo Fernandes (2006, p.123):

Nessa situação, as interações em que as crianças estarão envolvidas serão limitadas aos poucos gestos representativos que pais e familiares acabam criando para estabelecer a comunicação com seus filhos, geralmente de caráter icônico e contextual, que reduzem enormemente as trocas simbólicas com o meio social, tão necessárias ao desenvolvimento da linguagem e de outras funções psicológicas superiores. O conhecimento sobre o mundo está condicionado ao que a criança consegue apreender das experiências visuais e imagéticas que vivencia, que não são mediadas, significadas, por sua língua.

Aqui, vale salientar a importância do corpo para a comunicação do surdo. Esse corpo é que fala, o seu e do outro; o mesmo corpo que, segundo Barthes (1974; p.11), é perdido na “escrita”.

Segundo Dolto (1999; p.73):

> *Tanto melhor se os pais da criança surda sabem que ela também está na linguagem, tanto quanto uma criança capaz de ouvir – não na linguagem verbal, mas na linguagem mímica, a linguagem da cumplicidade, linguagem da alegria, de sofrimento, de relações interpsíquicas.*

E é assim que essa criança irá desvendando o ambiente; ela olha, ela sente, mas não escuta o mundo. Ela não “fala” o mundo, ela “encena”. Seja por meio de uma gesticulação exagerada, seja por meio de comportamentos “hiperativos” ou mesmo aqueles tidos como “agressivos” etc. O que me parece

estar em jogo aqui é uma tentativa do sujeito surdo procurar se fazer presente no mundo e no seu meio e, mais ainda, tentar se inteirar e se integrar a esse mundo.

O sujeito surdo não capta os sinais sonoros, mais imediatos, e deve se comunicar com o outro e com o meio servindo-se de um outro referencial, marcado pelo seu corpo. O seu tempo para leitura e decifração e, portanto, de resposta ao meio, é diferente do sujeito ouvinte. O que este responde no plano da imediatez, via audição e discurso oral, ao surdo cabe encarnar e encenar com o corpo. Nesse contexto o surdo pode se valer da Língua de Sinais, que por ser visogestual possibilita *"a internalização de significados, conceitos, valores e conhecimentos"* (Fernandes; 2006,p.134).

Sacks (1998; p. 44) acredita que:

> *As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua dos sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for aprendida – e ela pode ser fluente aos três anos de idade –, tudo então pode decorrer: livre intercurso de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e da escrita e, talvez, da fala. Não há indícios de que o uso de uma língua de sinais iniba a aquisição da fala. De fato, provavelmente ocorra o inverso.*

Tão forte como esse uso acentuado do corpo para comunicar-se com o mundo e com o outro, consigo mesmo, e que é parte de sua constituição como sujeito, é o silêncio. Seja aquele determinado pelo fato de não ouvir, de não dominar total ou parcialmente a fala, seja aquele a que é relegado pela diferença que o constitui.

O silêncio, sendo assim, é uma marca constituinte e precoce para o sujeito surdo. E é nesse contexto que se dá início à sua educação lingüística. Antes mesmo que ocorra alguma influência do caminho educacional (Oralismo, Comunicação total ou Bilingüismo) escolhido.

Fica difícil precisar o quanto podemos creditar à audição no que diz respeito às relações humanas e ao conhecimento de mundo. O que podemos afirmar é que o ouvido é um instrumento poderoso para captar informações sobre o mundo. Durante séculos, histórias familiares, de aventuras, de lutas entre povos, de crenças religiosas, de mitos de todos os tempos e lugares foram sendo transmitidas, por meio do oral, de grupos humanos a outros grupos humanos, propiciando a manutenção do folclore, da nossa história política e geográfica e de nossa cultura popular.

Talvez, há que se pensar, a força dessa cultura do oral seja um dos motes para as dificuldades no relacionamento do “mundo ouvinte” com o “mundo surdo”. Sempre haverá o questionamento latente: será que a Língua de Sinais ou mesmo a leitura labial associada à amplificação sonora darão conta da infinidade de informações e interações que os ouvintes têm por meio da audição?

Provavelmente não, mesmo com todo o investimento em tecnologias de ponta para “suprir” a surdez. Mas, por outro lado, estamos falando aqui como ouvintes, ou seja, de uma sociedade ouvinte, de uma visão de mundo ouvinte, que não contempla os sujeitos surdos.

Sugiro pensarmos pelo caminho oposto: quanto “enxergam” (“escutam”) do mundo os sujeitos surdos que nós ouvintes perdemos por estarmos inseridos nesse amontoado de informações e ruídos?

O que pretendo com esses questionamentos é mostrar que são dois mundos distintos, mundos que podem coabitar. Não é o caso de sobrepor um mundo ao outro, privilegiar um em detrimento do outro, mas de uma coabitação, ou seja, uma convivência entre seus habitantes, de mundos próximos, irmãos, diferentes.

Mas para isso é preciso a compreensão mútua, ou seja, os surdos têm uma maneira particular de funcionar no mundo e, em sendo assim, não é de se admirar que eles tenham uma língua própria, uma escrita com traços particulares, uma identidade.

É muito comum sujeitos surdos, em determinado momento da vida, irem buscar convívio social com outros surdos, por vezes até se afastando dos antigos amigos ouvintes. Eles são um grupo; além de uma língua própria, eles têm uma maneira parecida de existir no mundo. Ou seja, por partilharem de uma visão de mundo semelhante, eles se sentem mais acolhidos neste meio de “iguais”, marcado pela diferença.

Neste grupo, como acontece no grupo de ouvintes, há uma série de pressupostos que não precisam ser explicitados, que são facilmente captados pelo outro. O que não acontece quando se trata de um diálogo entre ouvinte e surdo. Há, aqui, por mais que se procure evitar (ou, em certos casos, negar), uma dissimetria no diálogo, assinalada pelo modo de constituição de cada um, ainda que façam parte de uma mesma cultura, um mesma família etc.

Por tudo isso, acredito que as marcas (chamadas de erro) na escrita desses sujeitos demonstrem mais do que uma falta de exposição à língua oral; acredito que elas sejam, na verdade, marcas de “identidade”, assinalando onde está o sujeito surdo. Assinalando a subjetividade desse sujeito.

Kanaan (2002;p. 74), no contexto de sua discussão sobre a escrita clariceana, afirma que:

> *... ao lançar mão da linguagem verbal (e da linguagem de um modo geral), o sujeito imprime seu estilo aos enunciados, construídos ao modo de sua própria construção como sujeito, marcado por afetos, sensações, impressões, vivências, experiências, relações com outros sujeitos, objetos, situações, fatos históricos etc. Tudo isso faz parte de sua visão de mundo e de si mesmo.*

Tudo isso está implicado no seu modo de viver e testemunhar e agir sobre a realidade. Seja qual for o modo particular que cada um escolhe para se fazer presente no mundo, ocupá-lo.

Diante disso, cabe-nos perguntar pelo modo como o sujeito surdo lança mão da linguagem verbal, falada ou escrita. Ou seja, nesta direção, precisamos considerar o modo singular como esses sujeitos vêem a realidade e apreendem os códigos oral e escrito, por exemplo.

Se, como afirma este autor, o sujeito constrói seus enunciados ao modo de sua própria construção como sujeito, precisamos nos ater à como isso ocorre no caso dos sujeitos surdos, para não correr o risco de sobrepor à sua constituição uma constituição tida como a única ou a mais correta, aquela do ouvinte.

O sujeito surdo tem um modo próprio “de viver e testemunhar e agir sobre a realidade”, e deste seu modo faz parte a escrita, a *sua* escrita. Para que de fato possamos “escutá-la”, precisamos escutar o modo como ela é constituída.

Muitos são os estudos que apontam para os chamados “erros” da escrita do surdo, erros esses comumente vinculados à idéia de tradução da Língua de Sinais para a língua escrita.

Diante do que vimos até aqui, acredito que a discussão tenha de ser ampliada. Sim, encontramos peculiaridades na escrita dos surdos que têm equivalência com a organização da Língua de Sinais, mas, mesmo em surdos oralizados não fluentes em Língua de Sinais, “erros” da mesma natureza emergem, o que nos indica que a questão é anterior e mais profunda. Ou seja, estamos tratando do modo de constituição desses sujeitos.

Constituição esta, como discutido anteriormente, baseada no olhar, no reconhecimento dos detalhes que “dizem” sem necessitar de palavras.

Olhando por esse prisma, a escrita se configuraria não só como um novo código a ser apreendido/aprendido pelo sujeito surdo, mas como uma ruptura com todo o seu referencial comunicativo. E, indo mais além, com todo um modo de organização, já que a escrita implica uma maneira diferenciada de olhar e apreender a realidade.

Temos pistas mais que suficientes, acredito, para questionar e procurar redimensionar o olhar para a escrita dos sujeitos surdos. Enquanto olharmos a escrita do surdo em comparação à do ouvinte, estaremos, a meu ver, somente reforçando (valorizando) um modo de encarar a realidade em detrimento de outro, ou seja, aquele da norma – sensorial, lingüística... – sobre o da "anormalidade", do que foge à regra, ao padrão, impedindo o diálogo efetivo e, em última instância, negando ao surdo o direito de exercer a sua autoria.

"Respondendo" à provocação que intitula este item de capítulo, poderíamos dizer que a escrita do surdo é sim uma escrita surda, uma vez que traduz a visão de mundo de um sujeito surdo. Somente neste sentido. E para escutar esta escrita em sua singularidade constituinte, precisamos estar atentos, como dissemos, ao modo singular de constituição de seu sujeito. Desta forma, quem sabe, possamos também passar a escutar uma e outra de modo mais pleno, dando-lhes voz.

Dar voz, aqui, significa ainda tirar da dimensão do silêncio, garantindo-lhes uma compreensão possível. Se "tudo será difícil de dizer", no caso daqueles privados de uma certa forma de comunicação, será mais ainda. O que torna viável o dizer é justamente a possibilidade de trapacear com a língua, forçar seus limites. Para que ao silêncio do surdo não se some a "crueldade" da língua, naquilo que ela não consegue traduzir, precisamos buscar a forma na qual esse sujeito melhor possa se expressar, fazendo uso da palavra escrita, tornando-a sua, manifestando-se por seu intermédio. Expressando, inclusive, o seu amor, na linguagem. Pela linguagem.

Para que esse caminho seja possível faz-se necessária a mudança de olhar para a Língua de Sinais; afinal segundo Lodi (2006;p.251): *"historicamente a Libras não tem sido reconhecida e, como conseqüência, acaba sendo 'apagada' socialmente e descaracterizada nos processos de ensino-aprendizado da língua portuguesa."*

Levando em consideração tudo o que discutimos até o momento e a importância do olhar acolhedor para essa escrita – e esses sujeitos –, dialogarei, a seguir, com algumas produções textuais de sujeitos surdos, procurando ampliar nossas considerações. Trata-se, portanto, de procurar escutar a emergência do sujeito surdo na escrita, em sua escrita.

Estabelecendo um paralelo com a investigação de Kanaan (2002; p.74-75), podemos pensar que a escrita do sujeito surdo necessita, como a obra clariceana, ser compreendida ao lado da noção de *pertencimento*.

E, como afirma este autor, este só pode ser alcançado por uma leitura atenta e cúmplice, ou seja, pela *escuta*. Escuta outra, de um outro, que só se cumpre no diálogo, nesse "jogo transferencial", contínuo, infinito, que Barthes e Havas (1987; p.143) chamaram de "significância".

Kanaan (ibid.), lembrando Barthes (1977) ao afirmar que o texto é um anagrama do corpo, de nosso corpo erótico, chama a atenção para como é preciso escutar o que este nos comunica e isto só é possível na presença de um outro corpo, que não ofusque o advento do sentido.

É nessa mesma direção que procuro, a seguir, escutar e dialogar com as produções textuais de alguns sujeitos surdos.

Capítulo 3

O diálogo...

Beber a hora
beber a água
embriagar-se
com água apenas.

II
Água? É só isso
que purifica.

III
Fonte maior
e não oculta
fonte sem Narciso
nem flores.

IV
Bendita a sede
Por arrancar nossos olhos
da pedra.

Bendita a sede
Por ensinar-nos a pureza
Da água.

Bendita a sede
Por congregar-nos em torno
da fonte.

(Orides Fontela, ‘Sede’)

Nesse capítulo pretendo apresentar, de forma bastante sucinta, a história de vida de cada um dos dois sujeitos da pesquisa, destacando aqueles aspectos que melhor possam auxiliar na minha investigação sobre a escrita do sujeito surdo.

Todos os sujeitos escolhidos para a pesquisa cursam o nível superior e estão em momento de inserção no mercado de trabalho. Optei por tais critérios para contextualizar os diferentes momentos desde o processo de alfabetização em que cada sujeito se deparou com dificuldades no relacionamento com a leitura e a escrita. Além de acreditar que, nessa fase, as cobranças quanto à proficiência no uso do código escrito sejam mais contundentes. Entrei em contato com esses sujeitos por intermédio da Associação de Surdos de São Paulo.

Em um segundo momento, então, me deterei sobre a análise de seus textos, em forma de diálogo, relacionando-os com aspectos discutidos nos capítulos anteriores.

Cabe lembrar que todos os nomes dos sujeitos, neste capítulo, são fictícios.

3.1 Os Textos

O texto “Vida profissional” foi o primeiro a ser produzido pelos sujeitos da pesquisa. Foi requisitado que eles narrassem, por meio da escrita, o seu desenvolvimento profissional. Não foram dadas recomendações sobre a estrutura do texto, nem especificações sobre o seu conteúdo. Cada sujeito ficou livre para seguir o caminho que acreditasse pertinente.

A escolha desse tema partiu de um interesse de investigação acerca de uma produção textual que questionasse aspectos particulares da vida desses sujeitos.

O segundo texto, produzido pelo grupo, teve como base uma poesia de Vinícius de Moraes, chamada “Ausência” (ver anexo IV). O gênero poesia foi incluído na pesquisa, como dito anteriormente, em razão do grande número de queixas de sujeitos surdos na compreensão deste gênero.

Foi requisitado que cada um fizesse uma apreciação, por meio da escrita, da poesia em questão, com um dicionário a sua disposição e o tempo que julgasse necessário para a leitura e a produção.

O terceiro texto requisitado teve por base o mesmo contexto de produção (dicionário e tempo disponibilizados). Desta vez, o texto a ser apreciado foi “Mendoncinha” (ver anexo V), de Luís Fernando Veríssimo. A escolha por essa crônica cômica foi permeada pela conhecida dificuldade encontrada por sujeitos surdos em compreender piadas.

O quarto texto a ser produzido foi sob proposta de tema livre; o objetivo dessa proposta foi verificar que caminho cada sujeito seguiria em sua produção depois da jornada de produções anteriores.

Cabe salientar que a cada encontro os sujeitos da pesquisa produziam um texto; somando-se assim 5 encontros. O primeiro foi o único realizado individualmente para apresentação dos objetivos do trabalho e uma entrevista inicial. Os demais encontros contaram com a presença de todos os sujeitos da pesquisa.

3.2 Mauro em cena

Mauro havia acabado de completar 23 anos quando realizamos o primeiro contato; estava cursando o quarto ano de Arquitetura na Faculdade Belas Artes e

trabalhava como estagiário; estágio que conseguiu por meio do projeto governamental de cotas para deficientes.

Seus pais e seus dois irmãos são ouvintes. Mauro ficou surdo aos seis meses devido à meningite. Sua perda auditiva é profunda; usa aparelho de amplificação sonora e diz ter se adaptado com facilidade a seu uso.

Foi inicialmente oralizado, fator muito comum entre surdos de “família ouvinte”, como discutido anteriormente. Comunica-se eficazmente por meio da oralidade, é expansivo e cativante no diálogo.

Seu primeiro contato com a Língua de Sinais (LIBRAS) se deu em 1996, aos 14 anos, quando estudou em uma escola especial para surdos. Relata que “aprendeu” LIBRAS com facilidade, tornando-se rapidamente fluente em seu uso.

Quando seus pais notaram seu interesse pela Língua dos Sinais o incentivaram e começaram a aprender também, mas logo desistiram; em casa, só conversam por Língua Oral.

No primeiro colegial, Mauro voltou a estudar em escola “normal”. Fez, em 1997, um curso especial de Português no Kumon Instituto. Nessa época, já havia uma demanda pessoal com relação à escrita.

Apesar de ter passado a maior parte de sua vida acadêmica em escolas para ouvintes, seu convívio social hoje é basicamente com surdos; ressalta que alguns poucos amigos ouvintes foram mantidos.

Segundo Mauro, sua alfabetização se deu em tempo regular; terminou a primeira série sabendo escrever e ler, sempre foi um aluno esforçado e relata que notava a necessidade de maior tempo de estudo que os ouvintes.

Quando questionado sobre sua escrita hoje, diz que “encontra certa dificuldade”, que seu tempo de elaboração é longo e que no fundo gostaria de escrever como um ouvinte.

A história retratada anteriormente me foi contada no primeiro de nossos cinco encontros semanais. Nos encontros posteriores, Mauro produziu os textos que apresentarei a seguir.

Os textos serão reproduzidos em sua íntegra, com exceção dos nomes de pessoas, que foram substituídos por questões éticas.

3.2.1“Vida Profissional”

Sou Mauro e surdo.

Nasci, em 07 de Dezembro de 1982, de parto normal. Depois tinha 6 meses, tinha meningite por Hemophilos. Fiquei surdo porcausa disso.

Tinha 11 meses, minha mãe me levou na Fono para eu desenvolver a aprender a falar. Depois, tinha 1 ano e meio, comecei ir na escola, estudei até no Pré no Recanto. Tinha 7 anos, comecei a fazer Psicoterapia.

Na primeira série, estudei na Essência Equipe de Ensino de Primeiro Grau que é uma escola onde tenha os surdos e os ouvintes se juntam na mesma classe. Um ano depois minha mãe me tirou na escola pois era fraca. Na segunda a sexta série, estudei no colégio Graphien, essa escola era escola especial para que tem problema geral.

Na metade da sexta série, eu queria sair porque não gostava. E estudei no Instituto Favalli que é escola especial para surdos usando Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) aonde eu aprendi a usar.

Em 1997, comecei a fazer curso especial de português no Kumon Instituto de Educação para melhora minha escrita portuguesa.

Até no primeiro colegial, estudei no colégio Tríade e no terceiro colegial, no colégio Brasil-Canadá.

Agora, estou no quarto ano de Arquitetura no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Sou Mauro e surdo.

Interessante notar que Mauro inicia seu texto marcando seu lugar; a escolha pelo verbo “ser” para designar o nome e a condição de surdez me parece relevante. O esperado no senso comum seria algo como “me chamo Mauro e sou surdo”. Talvez, possamos pensar, que a forma escolhida para iniciar o texto mostre seu posicionamento singular; ele é Mauro e esse “ser” Mauro só o é se ligado ao seu atributo “ser surdo”. Ou seja, só por ter se constituído surdo hoje ele é o que/quem é.

Outro fator encontrado nessa frase inaugural, que corrobora essa idéia, é a inicial falta de relação com o mote do texto. Aparentemente em um texto sobre vida profissional não haveria motivo para a surdez estar em lugar de destaque. Mas se aprofundarmos a reflexão, relacionando-a com a história de Mauro, notaremos que seu trabalho, seu emprego foi conquistado por meio de uma cota para deficientes, e mesmo a escolha de sua faculdade é significativa, pois o aproxima de um senso comum sobre as possibilidades profissionais dos sujeitos surdos.

Nasci em 07 de Dezembro de 1982, de parto normal. Depois eu tinha 6 meses, tinha Meningite por Hemophilos. Fiquei surdo porcausa disso.

Aqui, mais uma vez, a surdez é fortemente marcada, mostra-se, ainda, a necessidade de conhecimento da causa da surdez, colocada fora de seu desejo, causa que o determinou como sujeito Mauro. Saber o que determinou sua surdez,

conhecer sua história, permite ao sujeito dar sentido a sua vida, à condição que faz dele este ser e não outro. Este fato ajuda o sujeito a legitimar sua existência e sua condição seja para si, seja para os outros.

Nesse trecho podemos notar, também, marcas comumente relacionadas à escrita surda: marcação temporal repetitiva (“depois eu tinha 6 meses”), “erros” de concordância verbal (“desenvolver a aprender a falar”) e junção de palavras (“porcausa”).

Essas marcas chamadas de “erros” parecem, na verdade, dizer do sujeito surdo, mostrando a maneira encontrada por Mauro em submeter-se às regras da Língua Escrita. E, indo um pouco além, a forma como ele – e os demais sujeitos surdos – traduzem a Língua dos Sinais em escrita. Ou seja, parece que a leitura que esses sujeitos fazem da realidade não é nos mesmos moldes dos ouvintes; há, por parte daqueles, uma expressão mais concreta dos fatos, mais objetiva. O que parece, para o leitor ouvinte, uma linguagem que visa à comunicação direta, “informativa”, prescindindo ou reduzindo as marcas descritivas, emotivas, subjetivas.

Tinha 11 meses, minha mãe me levou na fono para eu desenvolver a aprender a falar. Depois, tinha 1 ano e meio, comecei a ir na escola, estudei até no pré no Recanto. Tinha 7 anos, comecei a fazer psicoterapia.

Apresenta-se aqui, novamente, excesso de marcas temporais; ele narra sua trajetória de maneira linear, novamente se apegando ao objetivo, palpável; o tempo parece aqui um corrimão de segurança, um referencial a ser seguido.

A trajetória escolar caminha paralela aos efeitos da surdez: o atendimento fonoaudiológico e psicológico. A identidade de Mauro é marcada desde o princípio pela vida escolar e pela passagem por especialistas. Em ambos os casos, trata-se

de um cuidado diferenciado, que assinala sua diferença, mesmo que inserido em meio regular de ensino e convivência.

Na primeira série, estudei na Essência Equipe de ensino de primeiro grau que é uma escola onde tenha os surdos e os ouvintes juntam na mesma classe. Um ano depois, minha mãe me tirou da escola pois era fraca. Na segunda a sexta série, estudei no colégio Graphein, essa escola era escola para quem tem problema geral. Na metade na sexta série, eu queria sair porque não gostava. E estudei no Instituto Cultural Favalli que é escola especial para os surdos usando Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) aonde eu aprendi a usar.

Em 1997, comecei a fazer curso especial de português no kumon Instituto de Educação para melhora minha escrita portuguesa.

Até no primeiro colegial, estudei no colégio Tríade e no terceiro colegial no Brasil-Canadá.

Além das marcas discutidas nos trechos anteriores, aqui emergem também o conhecido uso “inadequado” ou singular de conectivos de forma geral e pontuação.

Nesse trecho, chama a atenção o rompimento entre o que Mauro faz e o que é esperado para um texto sobre vida profissional.

Dando prosseguimento a sua narração desde o seu nascimento, marcado por períodos, neste trecho sobressaem as escolas em que estudou, atendimentos especializados que realizou – fonoaudiológico e psicológico –, encontro com a Língua de Sinais, curso de português, sem se ater de fato ao tema. Parece que Mauro relacionou o tema com a construção de currículo, ou seja, uma explicação do motivo pelo qual ele mereceria o emprego.

Cabe destacar, ainda, como Mauro se refere às escolas que freqüentou. Uma primeira, que congregava surdos e ouvintes na mesma sala, da qual é retirado pela mãe mais tarde, pois “a escola era fraca”. Fico pensando o que isto significa neste contexto: fraca em razão do ensino ou pela atenção dedicada aos sujeitos surdos? Ou seja, por não considerar as especificidades dos não-ouvintes. Aqui, a inserção num meio comum se contrapõe ao atendimento das necessidades específicas de Mauro.

Na segunda escola, para pessoas com “problemas gerais”, Mauro se mantém até a metade da sexta série, manifestando, ele próprio, o desejo de mudança, por não gostar. Ele não explicita as razões que o mantiveram tanto tempo nesta escola e nem as que levaram à mudança. De qualquer modo, chama a atenção que de uma escola para ouvintes e surdos ele passa a uma escola para pessoas com “problemas gerais” e, finalmente, vai para uma terceira, para surdos, em que aprende a Língua de Sinais.

A “diluição” inicial de sua identidade como surdo cede lugar agora a uma identidade definida, como surdo, numa escola para surdos, com uma língua para surdos. Ou seja, o convívio num meio heterogêneo, seja de ouvintes e surdos ou destes com pessoas com “problemas gerais”, se marca uma diversidade pode também criar uma dificuldade de identificação com o grupo, ouvintes ou portadores de outras necessidades especiais, por não contemplar a *sua* singularidade. Ou seja, os parâmetros são vários, mas nenhum é o seu. Na escola para surdos, ele pode ter uma melhor apreensão do universo dos surdos e de como se expressar numa língua mais própria, portanto, dentro ou mais próximo de sua “identidade”.

A passagem por outros dois colégios aparece pontualmente, sem justificativas, ou seja, sem nada singular. No entanto, anteriormente, ele escreve: “*Em 1997, comecei a fazer curso especial de português no kumon Instituto de Educação para melhora minha escrita portuguesa”*. É curioso notar como, aqui, ele

precisa o tempo, “1997”, e destaca que buscou o curso para melhorar sua “escrita portuguesa”.

O fato de especificar o ano me remete ao quanto este evento deve ter sido significativo para Mauro dentro de sua trajetória, o quanto o domínio da escrita se faz relevante para ele, talvez por perceber o quanto ela é fundamental, por vezes determinante, na vida do sujeito, sobretudo no plano profissional.

Quanto à referência à “escrita portuguesa”, parece-me que esta forma de construção, este uso, remete a uma cobrança de ordem exterior, a um parâmetro normativo, aquele da “língua portuguesa”; leia-se, da gramática, de um modo particular, “correto”, de funcionamento. Se a “língua portuguesa” – desconhecida para Mauro nas suas sutilezas – tem um modo próprio de funcionamento, a “escrita portuguesa” também deve ter e é esse modo que talvez ele queira apreender/aprender. No entanto, não podemos nos esquecer, Mauro não é ouvinte.

Agora, estou no quarto ano de Arquitetura no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Na conclusão, em que se esperava, seguindo a lógica de seu texto, que ele dissesse no que trabalha hoje, Mauro termina marcando a faculdade que cursa. Ou melhor, a conquista por um curso universitário.

Parece que para ele o caminho que trilhou até conseguir o emprego é mais importante que o próprio emprego. A estranheza inicial que este fato pode nos causar diminui se analisarmos com cuidado o quanto cada surdo tem de “dar de si” para se adequar (enquadrar) ao mundo ouvinte.

Torna-se claro, a meu ver, que o caminho escolhido por Mauro para escrever seu texto foi o mais pertinente. Dentro de sua singularidade.

3.2.2 Texto Apreciativo – Ausência (Vinícius de Moraes)

O texto foi difícil para eu entender pois tem vários significados que não conheço, mas tem muitas frases que aparecem como "metáfora" como tenho dificuldade de entender porque tem muitas diferenças do texto como leitura dos ouvintes e dos surdos porque para os ouvintes leem e sentem como pensamento real e para os surdos não pois os surdos só sentem através da linguagem de sinais que aparecem muitos sinais emoção.

Na verdade que não gostei do texto pois falta para eu entender melhor, se alguém, que sabe muito bem usar LIBRAS (Língua brasileira de sinais), interpretar para mim, tenho certeza que vou entender melhor, por causa do sentimento da emoção da Libras.

Afinalmente que o texto é como poesia que não gosto muito das poesias pois poesia é totalmente diferente do texto normal.

O texto foi difícil para eu entender pois tem vários significados que não conheço, mas tem muitas frases que aparecem como "metáfora" como tenho dificuldade de entender porque tem muitas diferenças do texto como leitura dos ouvintes e dos surdos porque para os ouvintes leem e sentem como pensamento real e para os surdos não pois os surdos só sentem através da linguagem de sinais que aparecem muitos sinais emoção.

Decidi transcrever o parágrafo sem ruptura para mostrar todo o incômodo que a poesia causou em Mauro. Todas as marcas discutidas no texto anterior aparecem, neste, com mais força. A quase ausência de pontuação torna a compreensão complicada à primeira vista. O parágrafo passa uma sensação de angústia que provavelmente permeou a leitura de Mauro.

Atendo-nos agora mais especificamente ao conteúdo do parágrafo, Mauro inicia marcando sua dificuldade de compreensão e relacionando-a com as metáforas encontradas no texto; não é de se admirar que as metáforas sejam um terreno instável aos surdos. A Língua de Sinais, por ser uma língua visuoespacial, é muito mais direta e objetiva, possibilitando reconhecimento de nuances de sentido por todo o corpo do interlocutor, as “brincadeiras” de linguagem *pela* linguagem, então, para esses sujeitos perdem o sentido.

Outro ponto interessante do parágrafo é a comparação que Mauro faz entre a leitura dos surdos e a dos ouvintes: “os surdos só sentem através da Língua dos Sinais”. É como uma imposição de limites, ele parece estar afirmando que os surdos podem ir até um certo ponto na compreensão do código escrito do português, o ponto da tradução linear, claro, objetivo.

Não há como não pensar na relação de cada um de nós com uma língua estrangeira; a emoção que certo enunciado deveria remeter sempre é a última coisa a ser apreendida. Então, Mauro se remete a sua língua, aquela que emociona, a única que lhe possibilita dizer efetivamente (afetivamente) de si e entender efetivamente (afetivamente) o mundo.

Indo um pouco além, a afirmação de Mauro, sobre a diferença entre o modo de ler e sentir dos ouvintes e surdos, nos remete à discussão anterior sobre o lugar do corpo na escrita.

Kanaan (2002), no contexto de sua investigação sobre a escritura de Clarice Lispector, afirma que a autora procura em seus textos “reproduzir” certas marcas do oral na escrita, aproximando autor e leitor; mais ainda, tornando o leitor de tal modo cúmplice da narrativa que este é convertido em co-autor dos textos. Para que isto ocorra, no entanto, é preciso que autor e leitor se coloquem “de corpo inteiro” diante do texto.

Em suas palavras:

A ausência do receptor, no ato da escrita, vai exigir dele todo um trabalho, um esforço, no sentido de compreender e identificar-se com o autor, para encontrar a 'fonte' (da cultura e da personalidade deste) de onde provém a mensagem. Do ponto de vista do escritor, este também deve esforçar-se para comunicar ao seu leitor-receptor eventual as pistas necessárias à criação ou recriação do contexto de onde 'fala'. Será necessário criar-recriar esta dimensão perdida da fala. Resgatar-restituir, a si e ao outro, o 'corpo' na escrita (Ibid.; p. 78).

No caso de Mauro, me pergunto, onde estaria ou entraria seu corpo no ato da escrita, já que ele prescinde da dimensão oral. Por um lado, o surdo está mais próximo do corpo, já que sua linguagem é visuoespacial, ou seja, em que o gesto está presente sobremaneira. Por outro, na "transcrição", parece que o surdo se vê obrigado pelas regras da língua a deixar de lado seu corpo ou procurar um meio de expressão na escrita que não contempla nem seu corpo e nem sua Língua de Sinais. Daí talvez essa sensação de estar sempre fora da língua, da gramática.

E, de fato, ele está, se pensarmos esta língua e esta gramática como pertencentes ao universo ouvinte.

Seria preciso, então, pensar um modo de funcionamento da "língua" e da "gramática" que contemple os surdos, na sua singularidade, sem excluí-los, ou seja, uma flexibilidade que os inclua.

Aqui, podemos fazer um paralelo com a afirmação de Kanaan (ibid.; p.75), a respeito de Clarice Lispector. *"Se, como Barthes (1977) insiste, o texto é um anagrama do corpo, de nosso corpo erótico, é preciso escutar o que este nos comunica; isto, no entanto, só é possível na presença de um outro corpo, que não ofusque o advento do sentido".* Em nosso caso, penso que precisamos, do mesmo modo, "escutar" o surdo, seja por meio da Língua de Sinais, seja por meio de sua

escrita. Trata-se de procurar restituir à escrita do surdo esta marca “erótica”, língua de afetos, sensações, sentimentos. Procurar uma forma de ajudar o surdo a transcrever sua língua em escrita, “de corpo inteiro”.

Na verdade que não gostei do texto pois falta para eu entender melhor, se alguém que sabe muito bem usar LIBRAS (língua brasileira de sinais), interpretar para mim, tenho certeza que vou entender melhor, por causa do sentimento da emoção da Libras.

Aqui emerge novamente o embate entre línguas. Mauro afirma que se alguém interpretasse as emoções e traduzisse para ele na Língua de Sinais, ele entenderia melhor. Essa afirmação causa estranheza e nos remete a questões que ultrapassam a forma e a compreensão que teve da poesia.

Aparecem indícios de quem é ou como é constituído pela língua o “Mauro surdo” ou até, porque não dizer, o sujeito surdo.

O texto se apresenta muito mais como um testemunho do que como uma apreciação da poesia. Testemunho de um sujeito que traz à tona a discussão acerca da Língua Materna do surdo.

Os pais e irmãos de Mauro são ouvintes e nem ao menos sabem se comunicar através da Língua de Sinais; ele foi ensinado a usar seus resquícios auditivos associados à leitura labial para se comunicar com o mundo. Só foi “aprender” Libras muito mais tarde, quando já era um adolescente e, mesmo assim, precisa, em determinados momentos, de um tradutor. Mauro denuncia, desse modo, que a língua é muito mais que um conjunto de regras a serem reproduzidas; ela, nos termos de Barthes e Kanaan, deve ser “incorporada”, tornar-se parte do corpo do sujeito, como uma maneira deste funcionar, de existir no mundo.

Podemos presumir, então, que Mauro funciona dentro da lógica da Língua de Sinais. O português oralizado, apesar de ter sido sua primeira língua, não se constituiu como Língua Materna, ou seja, apesar de ter sido sua primeira língua, ela é vivida como língua estrangeira, exterior a ele.

E, do mesmo modo como assinalamos acima, fica clara a necessidade de Mauro por um “tradutor”, que fale a Língua de Sinais, ou seja, alguém capaz de ajudá-lo na tarefa de “traduzir” o poema, a língua escrita, em Língua de Sinais, para, depois, quem sabe, transcrever esta língua em escrita. Ou seja, nos termos de nossa discussão, parece haver aqui a solicitação para que este texto passe por seu corpo, faça sentido em sua língua, para somente depois ser transcrito, também com seu corpo, em escrita. Uma escrita plena de sentido.

Não me parece casual, nesse sentido, que ele reivindique “alguém que sabe muito bem usar LiBRAS”. Mauro parece querer dizer com isso que precisa sentir-se mais seguro, acolhido em/por uma língua que seja sua, que faça sentido para ele.

Afinalmente que o texto é como poesia que não gosto muito das poesias pois poesia é totalmente diferente do texto normal.

Mauro, então, finaliza seu texto retomando a idéia do senso comum de que surdos não gostam de poesia. Pensando na discussão anterior, é legítimo que não gostem. Isto não quer dizer, entretanto, que seja regra geral e que aqueles que não gostam não possam vir a gostar. Mais uma vez, este fato aponta para o quanto esses sujeitos se vêem fora de um certo modo de funcionamento da língua, excluídos.

Seria necessário, acredito, um trabalho mais eficaz com esses sujeitos, no que tange à escrita, mais preocupado com a singularidade do pensamento, com a forma de compreensão desses sujeitos.

Há, na escrita dos surdos, sem dúvida, subjetividade; precisamos, no entanto, nos inteirar de seu modo de funcionamento, de modo a incluí-los nas mais diferentes esferas de leitura e de escrita, tornando-os mais aptos no domínio dos diferentes gêneros do discurso.

3.2.3 Texto Apreciativo – Mendoncinha (Luis Fernando Veríssimo)

Desta vez, o texto ficou mais difícil ainda pois tem muito sentimento entre as conversas, e eu nem sei quem estão falando.

Preciso saber quem começou a falar? Foi o médico? Vovô? Pai? Filho? E segundo parafuro é uma menina? Por isso preciso entender primeiro sobre isso.

Vou terminar por ai pois não tenho resultado. Porque eu demorei para pensar muito e nada noticia. Mesmo que não tenho pensamento disso.

Desta vez, o texto ficou mais difícil ainda pois tem muito sentimento entre as conversas, e eu nem sei quem estão falando.

Mauro inicia esse texto falando de sua dificuldade de compreensão e comparando-a com a encontrada no texto anterior, sem, contudo, explicitar este fato no texto, pressupondo que isto esteja claro. Mais uma vez, ele cita “o sentimento”, ou seja, as emoções, como sendo um dos fatores que dificultam a compreensão do texto; remetendo-nos à discussão anterior sobre língua materna, àquela que nos “fala” e que podemos “falar” afetivamente.

Outro fator que vale ser discutido é a estrutura do texto em questão, “O Mendoncinha”, que se aproxima da oralidade. Trata-se de um diálogo entre um homem e uma mulher na cama e é justamente por meio desse diálogo que é instaurado o contexto, ou seja, o autor não nos dá explicações sobre os interlocutores ou sobre a cena, essa tem de ser criada no decorrer do diálogo.

A “encenação” necessária para a compreensão parece ter sido impossível para Mauro.

Preciso saber quem começou a falar? Foi o médico? Vovô? Pai? Filho? E segundo parafuro é uma menina? Por isso preciso entender primeiro sobre isso.

Nota-se que as marcas que o texto traz sobre os interlocutores não fazem sentido para Mauro, que pede indicações objetivas, referenciais. Fica evidente o efeito de incômodo que afasta a possibilidade de atribuição de significação.

Ele precisa “entender primeiro sobre isso”; mais uma vez, a Língua de Sinais é convocada. Mauro necessita da marcação de interlocutores, que na Língua dos Sinais ocorre naturalmente no momento de enunciação.

Os olhos (como canal de recepção da comunicação), diferentemente dos ouvidos, precisam de um foco, a informação “não chega” por qualquer ângulo, precisa ser buscada; em sendo assim, o primeiro requisito para que a comunicação aconteça é a sinalização de quem vai falar, ou, para onde olhar.

Vou terminar por ai pois não tenho resultado. Porque eu demorei para pensar muito e nada noticia. Mesmo que não tenho pensamento disso.

Inicialmente chama a atenção como Mauro procura finalizar o texto por não ter “resultado”, como se estivesse diante de uma tarefa a executar cujo resultado seria algo determinado. Em outras palavras, Mauro dá testemunho de um certo tipo de uso “prático” da língua, cuja finalidade é comunicar, transmitir, “noticiar” algo “real e concreto”. O pensamento, “a razão”, podemos pensar, não dá conta da tarefa de atribuir sentido ao texto, levando Mauro a desistir da empreitada. Ele demorou e nada foi decifrado.

É interessante frisar o uso da palavra “noticia” com o sentido de “me vem à mente“ ou torna-se pensamento. Esse uso, além de causar estranheza, me parece trazer pistas sobre a organização do sujeito Mauro.

É como se ele lesse e relesse a espera de uma luz, uma “notícia” que lhe tirasse do vácuo. Como se procedesse a uma busca, em seu repertório adquirido acerca dessa língua estrangeira, o português, por algum sentido, algo familiar.

O “imediatismo” da língua de sinais não cabe aqui. Esse texto exigiria uma mudança de perspectiva que talvez Mauro não esteja apto a experimentar no momento, seja em virtude de sua formação, seja em virtude de sua organização como sujeito.

Vale ressaltar que essa foi a primeira produção de Mauro em que a surdez não apareceu explicitamente, embora, com base nas discussões anteriores, possamos ver que a tenha permeado.

3.2.4 Tema Livre

“Um Surdo perdido na cidade”

Um surdo se chama Maurício, mora na capital de São Paulo com os pais dele, Leda e Fernando. E os nove irmãos dele, Felipe, Leonarda, Fabio, Fabiola, Linda, Fabiana.

E Maurício é o ultimo filho da família. Toda a família dele são ouvintes.

Todos os irmãos dele já estão trabalhando, estudando, dirigindo o carro, fazendo academia, etc. E o Maurício não, pois a mãe dele vive preocupada muito com ele por causa ele é surdo.

Tudo isso ele está sofrendo muito pois não podia sair muito, nem ir na academia, no clube, etc...

Até ele fez 17 anos, fugiu de casa para passear em São Paulo e ficou perdido pois não conhece muito bem os caminhos por causa ficou muito tempo em casa. Ficou muito curioso fora da casa mesmo e até encontrou um surdo andando usando a linguagem de sinais e o Mau achou muito estranho pois nunca viu a própria língua dele. Logo voltou para casa chorando... Até quando ele fez 18 anos, foi conversar sério com vovô (pai da mãe dele) e pediu ele comprar a passagem de avião para ir no EUA, vovô dele deixou pois é o sonho do Leonardo.

Quando a mãe dele soube e ficou furiosa mas o pai dela já comprou a passagem.

Logo breve, ele partiu para EUA e começou a morar sozinho, aprendeu a dirigir, saindo muito, etc...

Um dia, ele viajou para outra cidade e passou uma cidade especial para surdos e ele decidiu parar, foi para conhecer e amou e foi morar de lá e conheceu uma linda surda, casou e já tem 10 filhos por causa dos pais dele! O Maurício está muito feliz da nova vida dele!!

Um surdo perdido na cidade

A surdez volta a aparecer em destaque, desta vez como tema principal e de maneira explícita. E temos aqui o indicativo de como um surdo deve sentir-se “na cidade”, ou seja, “perdido”. Podemos pensar que a cidade da qual se trata é uma “cidade ouvinte”, uma cidade de e para “ouvintes”, daí o surdo estar/sentir-se perdido.

Um surdo se chama Maurício, mora na capital de São Paulo com os pais dele, Leda e Fernando. E os nove irmãos dele, Felipe, Leonarda, Fabio, Fabiola, Linda, Fabiana.

E Maurício é o ultimo filho da família. Toda a família dele são ouvintes.

O protagonista da história tem muitas semelhanças com Mauro. Logo de início, o nome: Mauro *versus* Maurício; ambos moraram em São Paulo; e, mais evidente, Maurício é surdo e tem uma família ouvinte.

Essas semelhanças denunciam, para além da proximidade em si, a necessidade que esses sujeitos têm de buscarem elementos familiares como forma de segurança, seja na relação consigo, com o outro, com o mundo, com a solicitação de uma tarefa. Esse caráter auto-referente, traduz, assim, uma necessidade desses sujeitos de manterem uma certa "integridade" diante do mundo, ou seja, terem algo no qual se apoiar, se basear/embasar, sobretudo diante de situações desconhecidas.

A escolha por um tema tão próximo, quase auto-referente, portanto, nos indica a necessidade de identificação com algo próximo, ele vai escolher como tema livre algo que conheça, diante do qual se sinta mais seguro, mais confortável, sendo assim, mais próximo de sua realidade, de seu universo concreto, objetivo.

Todos os irmãos dele já estão trabalhando, estudando, dirigindo o carro, fazendo academia, etc. E Maurício não, pois a mãe dele vive preocupada muito com ele por causa ele é surdo.

Aqui, Mauro já marca uma diferença fundamental entre ele e seus irmãos ouvintes: o olhar do outro, mesmo dos mais próximos, no caso a mãe, é o de estranhamento, exclusão.

Todos os irmãos de Maurício (9!) têm uma vida "normal" e ele é excluído disso em nome da proteção, ou seja, o fato de não ouvir é caracterizado aqui como uma "anormalidade" que o impede de se enquadrar em uma rotina normal (para normais). O cuidado excessivo do outro impede que o sujeito possa se

aproximar o máximo possível da dita “vida normal” (“trabalhar, estudar, dirigir, fazer academia etc.”). A surdez torna-se marca distintiva, e excludente.

Tudo isso ele está sofrendo muito pois não podia sair muito, nem ir na academia, clube,etc...

Assinala-se então o sofrimento que essa exclusão causa no sujeito, a impossibilidade imposta impede esse sujeito de ser/fazer o que gostaria.

Até ele fez 17 anos, fugiu de casa para passear em São Paulo e ficou perdido pois não conhece bem os caminhos por causa ficou muito tempo em casa.

Neste trecho, o sujeito assinala a idade com a qual Maurício se rebela contra a superproteção do outro, impedindo-o de realizar seu desejo de fazer coisas comuns aos ouvintes, aos “seus irmãos”, como sair e conhecer a “cidade”, ou seja, o mundo que o cerca e no qual, ao mesmo tempo, está inserido e excluído.

Seu desejo de sair dessa condição aprisionante, de busca por mudança, liberdade de ser e fazer o que tivesse vontade, culmina com o fato de logo se perder, “porque ficou muito tempo em casa”, ou seja, não sabe como se posicionar, comportar, agir nesse novo mundo que se descortina. Falta a Maurício a malícia necessária para interagir com esse mundo, o domínio, por menor que seja, dos códigos que regem o mundo exterior, a “realidade”.

Mauro de identifica com seu personagem Maurício para mostrar o quanto deseja participar desse mundo externo, fazer o que todos fazem, levar uma vida normal. No entanto, a limitação infligida pela família (a mãe) e pela surdez aparecem como impeditivas, gerando no sujeito, ao mesmo tempo, o desejo e o medo de independência, pois corre o risco de “se perder”. Falar desse medo no

texto, sobretudo com bom humor, não deixa de ser um sinalizador (positivo) de como Maurício/Mauro está elaborando sua questão de busca por maior autonomia e liberdade.

Ficou muito curioso fora de casa mesmo e até encontrou um surdo andando usando a linguagem de sinais e Mau achou muito estranho pois nunca viu a própria língua dele. Logo voltou para casa chorando...

Maurício assinala a curiosidade que o mundo exterior desperta nele, ou seja, mais uma vez dá mostra de seu desejo de autonomia e liberdade, de conhecer e interagir com o mundo externo. Em seguida, o que não parece nada casual, ele se depara com um outro surdo usando a língua de sinais. O sujeito denuncia aqui seu desejo e a possibilidade de encontrar, nesse "outro mundo", sujeitos como ele, marcando que ele não é único e não está só.

Interessante notar a maneira como Mauro narra o fato: "Mau achou muito estranho pois nunca viu a própria língua dele", apesar de nunca ter entrado em contato com a Língua de Sinais, ele toma essa língua como sua, como própria. Assim como ele pôde encontrar e se identificar com um outro "como ele", ele também pode encontrar e se identificar com uma língua que seja "sua", que traduza a realidade segundo sua singularidade. Uma língua que o ponha em contato de fato com a realidade, que o ajude a expressar-se melhor e de acordo com sua visão de mundo, de seu ponto de vista.

Mais uma vez a língua de sinais é colocada como língua materna, mesmo para quem só a conhece muito mais tarde.

E, então, Maurício volta para casa chorando. Nesse momento, cabe-nos perguntar se o choro vem da emoção pelo encontro tanto de um outro sujeito "igual" a ele como de uma língua mais condizendo com sua forma de expressão, ou por sentir-se privado da liberdade que identificou, do mesmo modo, tanto no

sujeito quanto na língua. Acredito tratar-se das duas coisas. Maurício/Mauro entra em contato com o que lhe falta e esta falta será, em seguida, o disparador para que vá em busca do que realmente deseja.

Até quando ele fez 18 anos, foi conversar sério com vovô (pai da mãe dele) e pediu ele comprar a passagem de avião para ir aos EUA, vovô dele deixou pois é o sonho de Maurício.

Quando a mãe dele soube e ficou furiosa mas o pai dela já comprou a passagem.

Se, no parágrafo anterior, a idade funciona como uma espécie de marcador temporal e textual, assim como uma forma de o sujeito se organizar/situar diante do que está escrevendo, aqui a referência à idade, além das características anteriores, assinala que agora Maurício é maior de idade e pode buscar seu destino.

A escolha pelos Estados Unidos não é casual, surdos de todo mundo nutrem esse sonho por dois motivos: a Gallaudet University, uma universidade voltada ao público surdo, e a ilha de Marthas' S Vineyard, em Massachusetts, que, em virtude de uma forma de surdez hereditária, tem um alto percentual de sujeitos surdos em sua população.

Não se pode deixar de fazer referência ao fato de Maurício/Mauro buscar apoio em seu avô ("pai de sua mãe"). O avô materno é uma figura que tem autoridade sobre a mãe, a quem esta deve obedecer. Assim, com o apoio do avô ele pode "enfrentar" a mãe e sair de seu jugo. O avô, como figura masculina, tem a função de, em termos psicanalíticos, "castrar" a mãe castradora. Ou seja, ao impor-se sobre a mãe, o avô permite ao neto se libertar dos laços aprisionantes dessa relação mãe e filho, cortando o cordão umbilical que os une, transformando-os em sujeitos separados. Note-se que a mãe não reage bem à atitude do pai/avô,

mas acaba por acatar a decisão, até mesmo porque “o pai dela já comprou a passagem”. Passagem para a liberdade, rumo à autonomia de Maurício/Mauro.

Retomando o poema inaugural do primeiro capítulo, folcloricamente para os surdos a ida para os Estados Unidos significa a busca pelo “país do acolhimento”.

Logo breve, ele partiu para EUA e começou a morar sozinho, aprendeu a dirigir, saindo muito, etc...

Longe de tudo e de todos, Maurício pode agora usufruir verdadeiramente de sua vida, fazendo tudo o que uma pessoa “normal” faz: viver. A surdez é limitadora em algumas situações, mas não pode ser impeditiva em relação à autonomia do sujeito naquilo que ele é capaz, muito bem traduzido por Maurício/Mauro (“morar sozinho, dirigir, sair...”).

Um dia, ele viajou para outra cidade e passou uma cidade especial para surdos e ele decidiu parar, foi para conhecer e amou e foi morar de lá e conhecu uma linda surda, casou e já tem 10 filhos por causa dos pais dele! O Maurício está muito feliz da nova vida dele!!

Mais seguro, Maurício empreende uma viagem “para outra cidade”. O desejo de viver e conhecer coisas e lugares novos se intensifica. E é assim que ele conhece uma cidade só para surdos (“o país do acolhimento”), e lá decide morar e lá conhece “uma linda surda”, com quem casa e constitui família.

Maurício traduz, aqui, o desejo de encontrar-se num lugar em que possa se sentir pertencendo, com pessoas como ele. Ao mesmo tempo em que isto traduz um justo desejo de viver entre iguais, em condições mais próximas a suas necessidades e a sua singularidade, traduz também um certo fechamento, uma (auto)limitação, como se para ser feliz precisasse viver numa cidade “especial para surdos”, e namorar e casar com “uma linda surda”. É claro que

Maurício/Mauro fala de uma situação ideal, utópica, mas não deixa de mostrar o quanto precisamos, ainda, evoluir no sentido de criar uma sociedade mais justa e igualitária, em que as diferenças sejam contempladas igualmente. Retomando nosso poema, para que o “país do acolhimento” seja este, o que temos, no qual vivemos, não um país distante, banido deste nosso.

Por mais que denote o desejo de morar nessa cidade utópica, Maurício/Mauro ainda se vê ligado aos modelos identificatórios de origem, como aparece ao falar que “já tem 10 filhos por causa dos pais dele!”. Esse talvez seja o maior conflito de todo surdo de família ouvinte: o embate entre a língua própria do surdo e a língua de seus pais. Por mais que procure romper – aliás, como todos nós – com seus modelos de origem, o surdo sempre tem presente o sentimento de sentir-se um estrangeiro em sua terra natal.

O texto apresentado trata de uma aventura de um surdo na busca de seu lugar, de sua identidade. Não seria essa a aventura de todo surdo? A busca incessante para legitimar sua existência em um mundo de ouvintes, que vive sob outra língua, com outro funcionamento?

Analisando sob essa ótica, não é de se admirar que a grande maioria dos surdos oralizados, quando já tem autonomia para tal, vai aprender Língua de Sinais, se afasta da antiga vida, deixando inclusive amigos e hábitos para trás e forma um outro grupo: um grupo de surdos.

Para mim, essa atitude se parece muito com o saudosismo facilmente encontrado em grupo de imigrantes, que se juntam em comunidades com o intuito de não se afastarem da sua língua, do seu povo, de seus costumes. A diferença é que o saudosismo, no caso dos surdos, é por algo que eles nunca tiveram, mas sempre sentiram falta... Sua língua, seu povo, seus costumes...

3.3. Manuela: uma outra cena

Manuela tinha 22 anos quando realizamos a entrevista inicial, estava cursando o terceiro ano de Administração em faculdade particular de São Paulo, não tinha emprego, mas disse estar procurando estágio.

É filha única, seus pais e sua avó materna são surdos. Manuela nasceu surda. A primeira língua que aprendeu foi a Língua de Sinais, pela qual todos se comunicam em casa.

Freqüentou atendimento fonoaudiológico até os 12 anos para aprender a falar; segundo ela, todos em sua casa sabem a importância de se comunicar com os ouvintes. Sua comunicação via oralidade é compreensível, mas não eficiente, na verdade requer bastante disponibilidade e atenção do interlocutor.

Sempre estudou em escolas especiais para surdos e, hoje, na faculdade tem um intérprete, o qual julga ser essencial para poder acompanhar as matérias. Convive socialmente com uma maioria surda. A esta maioria considera seus amigos e neles sente mais confiança.

Quanto a sua escrita, Manuela acha que não escreve bem, muitas vezes precisou de professores particulares e tem muito medo da época de realização do trabalho de conclusão de curso. Gostaria de melhorar sua escrita porque diz ter medo do futuro.

3.3.1 “Vida Profissional”

Na verdade que não tenho muito que falar da vida profissional por causa eu ainda não trabalhei de verdade.

Sempre estudei bastante para ser bom profissional porque sei que para surdos é mais difícil. Hoje estou procurando um trabalho, já fui algumas entrevistas ainda não me chamam, então só posso falar disso mais tarde.

Na verdade que não tenho muito que falar da vida profissional por causa eu ainda não trabalhei de verdade.

Logo de início, notamos que Manuela compreendeu a proposta do texto, “escrever sobre sua vida profissional”. O que chama a atenção, no entanto, é a maneira como se posiciona diante dela, ou seja, concretamente. Como ela nunca trabalhou, “acredita” que “não [tem] muito o que falar da vida profissional”.

Apesar de lógico, coerente, demonstra uma linearidade de pensamento, uma certa rigidez. Como se a produção de um texto fosse a resposta a uma pergunta:

-Como é sua vida profissional?

-Não tenho.

Manuela não consegue abstrair, falar não da vida profissional que ela de fato não tem, mas daquela que gostaria de ter, que almeja. Aqui, ela se situa no plano do concreto, do imediato, não conseguindo se projetar num futuro próximo.

Vale ressaltar que o fato de responder tão objetivamente e pontualmente à questão nos faz pensar o quanto esta deve soar ameaçadora a Manuela, seja por desconhecer esse universo, seja em virtude da surdez.

Sempre estudei bastante para ser bom profissional porque sei que para surdos é mais difícil.

Nesse trecho, dois aspectos me parecem essenciais. O primeiro diz respeito ao fato de Manuela assumir sua posição de surda, ainda que no coletivo;

o segundo aspecto refere-se às dificuldades que todo surdo enfrenta, mais do que os ouvintes, no mercado de trabalho, exigindo daquele um empenho maior nos estudos.

De fato, Manuela “denuncia” que o mercado de trabalho é um universo de ouvintes, em que tudo é previsto para ouvintes, assim como o sistema de ensino. Para um surdo pertencer a esse universo ouvinte, seja o mercado de trabalho seja o sistema de ensino, precisa se esforçar mais, já que “para surdos é *mais* difícil” (grifo meu).

Manuela vem de uma família surda, estudou em escolas especiais, conviveu com amigos surdos, mas agora ela tem de enfrentar uma realidade em que a grande maioria é ouvinte e demonstra ter sempre se preparado para esse momento, seja fazendo “fono” para aprender a falar, seja estudando bastante.

Interessante notar que, independentemente, do caminho que cada surdo venha a trilhar, sempre haverá um confronto de mundos, ou seja, a constatação de uma separação entre os mundos dos ouvintes e dos surdos.

Hoje estou procurando um trabalho, já fui algumas entrevistas ainda não me chamam, então só posso falar disso mais tarde.

Neste ponto, Manuela retoma a dinâmica do primeiro trecho discutido, afirmando que só poderá falar sobre a questão mais tarde, quando estiver efetivamente inserida no mercado de trabalho, ou seja, trabalhando.

Novamente, a objetividade da resposta nos faz pensar o quanto a questão profissional se apresenta como algo inédito e ameaçador, ao que parece, a Manuela. Algo para se “falar (...) mais tarde”, ou seja, não agora, em que não está suficientemente elaborado.

Reforça essa colocação, acredito, o fato de Manuela não se perguntar, não questionar, o que pode ter acontecido que ainda não a chamaram. Penso, realmente, que se trata de algo difícil para ela que, se pode ser pensado, ainda não pode ser dito, discutido em maior profundidade.

Ao compararmos a produção sobre “Vida profissional” de Mauro e Manuela, notamos que eles escolheram caminhos divergentes. Se para Mauro mostrou-se fundamental pontuar passo a passo seu caminho até o momento de inserção no mercado de trabalho, dando a impressão de que esse se afastava do tema, para Manuela mostrou-se fundamental aproximar-se do tema ou restringir-se a ele, objetiva e sucintamente.

Em ambos os casos, vale salientar, a surdez aparece em lugar de destaque, como um fator determinante nesse processo, ou seja, como algo que deverão enfrentar no universo profissional, estando nele ou procurando se inserir nele.

Apesar de ambos recorrerem ao plano autobiográfico como modo, ao que parece, de se situarem e de se assegurarem melhor diante do tema, Manuela, talvez em virtude de sua constituição primeira pela Língua de Sinais, tem maior autonomia na escrita, o que faz com que não se esquive tanto do foco em discussão, apesar, como dissemos acima, de apresentar dificuldades de ordem “afetiva” quanto ao tema.

Quanto às marcas, chamadas de erros do português culto, podemos dizer que foram de mesma natureza, nos remetendo à discussão anterior sobre língua materna e maneiras encontradas para “submeter-se” às regras da língua escrita no momento de tradução.

3.3.2 Texto Apreciativo – Ausência (Vinícius de Moraes)

Amei essa história porque é uma história muito romântico!

Essa história estava falando sobre uma pessoa que se apaixonou por uma linda mulher e não tem coragem de abandonar uma pessoa que é especial da vida dele, pois ele se sinta ele merece tudo e também se sinta como estar no paraíso.

Amei essa história porque é uma história muito romântico!

Manuela dá indícios, nessa primeira frase, de ter compreendido a poesia e ter gostado muito. Ela, contudo, não se refere à poesia, mas a "história", ou seja, ela prioriza "o conteúdo do que é dito" e não "a forma em que é dito". Semelhantemente a Mauro, há um tratamento da poesia como um texto/história, ou seja, algo escrito, sem se apegar à forma. Para Mauro, a forma do texto só é explicitada para ser "descartada" como um gênero em que tem dificuldades e sente-se nitidamente incomodado (cf. acima). Apesar de não desconsiderar a "forma" poesia, Manuela apresentará certa dificuldade em sua interpretação, enfatizando a emoção que sente, em detrimento daquilo que a poesia comunica efetivamente.

Essa história estava falando sobre uma pessoa que se apaixonou por uma linda mulher e não tem coragem de abandonar uma pessoa que é especial da vida dele, pois ele se sinta ele merece tudo e também se sinta como estar no paraíso.

Neste trecho, a falta de pontuação e de concordância verbal torna complicado avaliar o grau de compreensão que Manuela teve da poesia.

Chama a atenção, a incorporação do adjetivo linda em seu relato ("uma pessoa que se apaixona por uma *linda* mulher" – grifo meu), uma vez que ele não aparece na poesia. Parece que Manuela usou em sua análise uma idéia

preestabelecida sobre o gênero poesia, o que permeou sua leitura. Corrobora essa impressão de que talvez Manuela não tenha compreendido o conteúdo da poesia, o fato de ela, mais adiante, dizer: “e não tem coragem de abandonar uma pessoa que é especial na vida dele”. Na verdade, a poesia trata do oposto, a necessidade de partir, de deixar essa pessoa.

Mais uma vez, Manuela parece recorrer à emoção para expressar o que consegue captar do sentido da poesia, independentemente deste estar ou não “de acordo”. O que parece ser prioritário, aqui, é que “ela gostou”, “se emocionou”, se sentiu, de alguma forma, “contemplada pelo que está escrito”.

A leitura da apreciação de Manuela gera uma sensação de infantilização, que pode ser decorrente tanto do uso “incomum” do português quanto da dificuldade diante do conteúdo, neste caso, particularmente, da poesia, fator encontrado comumente nas produções textuais de sujeitos surdos.

Cabe notar que, diferentemente do texto anterior, Manuela apresenta certa dificuldade de expressão neste caso, justamente por tratar-se de uma linguagem metafórica. Mesmo considerando sua maior proficiência no uso da escrita, em relação ao sujeito anterior, podemos perceber o quanto é difícil para o sujeito surdo entender e transpor para a escrita o sentido de textos deste gênero.

Lembrando o que afirma Mauro, anteriormente, neste caso talvez fosse preciso “*alguém, que sabe muito bem usar LIBRAS (Língua brasileira de sinais), interpretar para mim, tenho certeza que vou entender melhor, por causa do sentimento da emoção da Libras*”. Ou seja, alguém capaz de ser “cúmplice” na maneira singular com que os sujeitos surdos se relacionam com a língua, não aquela do ouvinte, mas aquela língua de “sentimento”, “da emoção”, dos surdos. Uma língua que se manifesta e afeta o sujeito no corpo. Mas lembremos: um corpo-afeto, um corpo-emoção, esse corpo dos sujeitos surdos, marcado desde

seu nascimento pelo toque, pelo contato corpo-a-corpo com o outro, pelos gestos...

3.3.3 Texto Apreciativo – Mendoncinha (Luis Fernando Veríssimo)

Um cara tenta relaxar uma mulher para fazer a "relação sexual" só que o cara fala que a mamãe , papai e o superego que está de uma cama.

E a mulher confundiu e falou que o mendoncinha também que estava na cama dela e o cara falou que "não to nem aí" por que esse cara tentava conversar um dócil para essa mulher com a relação da mãe e do pai que é normal e a mulher acabou de falar que o Mendoncinha foi o primeiro namorado e também que foi o primeiro de cama, e o cara desistiu e falou se que ela quer sair com o Mendoncinha ou saímos com a turma...

E agora calou...hehehe...

Um cara tenta relaxar uma mulher para fazer a "relação sexual" só que o cara fala que a mamãe, o papai e o superego que está na cama.

Esse início marca que Manuela compreendeu as linhas gerais do texto; nesse caso, o uso incomum de conectivos e da concordância verbal não influenciaram na transmissão da mensagem.

E a mulher confundiu e falou que o mendoncinha também que estava na cama dela e o cara falou que "não to nem aí" por que esse cara tentava conversar um dócil para essa mulher com a relação da mãe e do pai que é normal e a mulher acabou de falar que o Mendoncinha foi o primeiro namorado e também que foi o primeiro de cama, e o cara desistiu e falou se que ela quer sair com o Mendoncinha ou saímos com a turma...

Nesse trecho aparece uma certa “confusão” de Manuela em narrar os fatos na ordem do texto.

Novamente, emergem a falta de pontuação e o uso “incomum” de conectivos. Note-se que, cada vez que o texto é mais elaborado, seja na forma ou conteúdo, que apresenta uma maior diversidade de personagens, situações, sobretudo quando se entrelaçam, o sujeito surdo tem mais dificuldade de compreensão/interpretação e transposição para a escrita.

Este fator, muitas vezes, como já apontado anteriormente, torna difícil afirmar se houve ou não uma compreensão do conteúdo do texto. Neste caso, em particular, parece que Manuela entendeu em linhas gerais o sentido do texto, estando sua dificuldade na transposição para a escrita.

E agora calou...hehehe...

O final do texto nos permite dizer que houve compreensão do gênero “piada”, mesmo com a confusão na narração do conteúdo do texto pela escrita, Manuela consegue mostrar que encontrou a “graça” do texto.

Se compararmos as produções apreciativas de Mauro e Manuela, poderemos notar que ela transita com mais tranqüilidade nesse território.

Talvez, há de pensar, uma parcela disso deva-se à história de vida de cada um. Manuela sempre teve interlocutores em sua língua materna. Como discutido anteriormente, um surdo oralizado que vive em um meio ouvinte necessita de uma atenção especial de seus interlocutores, o que muitas vezes resulta em uma comunicação “mais pobre”, ou seja, com objetivos mais claros, com propósitos mais definidos e, portanto, sem a riqueza presente em uma situação de comunicação entre sujeitos proficientes em Língua de Sinais.

Esse fato nos faz pensar que a comum prática de “jogar conversa fora” acaba ficando sem lugar, sendo mais rara para esse grupo, isso pode sugerir que a Língua de Sinais, se aceita como língua materna, no período de constituição do sujeito, é capaz de prover um maior conhecimento de mundo, ou seja, uma compreensão mais ampla da realidade.

Vale salientar que, para que isso se realize, é fundamental que esse sujeito tenha interlocutores imersos na Língua de Sinais, como no caso de Manuela, que tem sua família e seus colegas de escola proficientes nesta forma de comunicação. E, é preciso enfatizar, seus pais e avó não apenas dominam a Língua de Sinais, eles têm sua constituição, como sujeitos, marcada pela deficiência auditiva e pela utilização precoce dessa língua. A “proficiência” da qual se trata nesse caso é de uma ordem diferente, portanto, não se restringindo apenas à utilização competente de sinais para se comunicar, mas remetendo à capacidade de tradução tanto de elementos da realidade externa, de ordem mais objetiva, como também de elementos subjetivos, da ordem dos afetos, dos sentimentos.

De qualquer modo, fica a questão da necessidade de um estudo mais aprofundado de cada caso, segundo suas particularidades, segundo a singularidade de cada sujeito.

3.3.4 Tema Livre

Julia estava muito animada porque ia viajar pela primeira vez com sua família.Ela ficou ligando pra amigas pra contar. Foi pra Estados Unidos com papai, mamãe, vovó e teve muita diversão.

Ela nunca queria voltar, mas papai teve que trabalhar então viajem acabou, quando voltou queria passeando o tempo todo sem parar e levou bronca.

Mas a verdade que nunca se esqueceu da delícia que é ir conhecendo novo lugar.

Julia estava muito animada porque ia viajar pela primeira vez com sua família.Ela ficou ligando pra amigas pra contar. Foi pra Estados Unidos com papai, mamãe, vovó e teve muita diversão.

Este texto não foge ao “padrão” de Manuela. Trata-se de um texto curto, objetivo. No entanto, bastante revelador. Mesmo não sendo um texto explicitamente autobiográfico, isto, a meu ver, fica claro diante de seu conteúdo.

Semelhantemente ao texto de Mauro, sob a mesma proposta, Manuela, por meio de seu “alter-ego” Júlia, deixa transparecer seu grande desejo de viajar, conhecer novos lugares. Curiosamente, o lugar ao qual se refere são os Estados Unidos.

Como já apontamos anteriormente, os Estados Unidos apresenta-se como um grande atrativo para os surdos, pois lá se encontram a Gallaudet University, voltada ao público surdo, e a ilha de Marthas’ S Vineyard (cf. acima). Nesse sentido, os Estados Unidos aparecem como uma espécie de paraíso a estes sujeitos, ou, como apontamos acima, “o país do acolhimento”. Podemos pensar, ainda, que os sujeitos surdos talvez vejam aí um lugar em que de fato poderiam ter garantidos seus direitos e teriam maiores chances de desenvolvimento tanto pessoal como profissional.

Também de modo semelhante a Mauro, a família ocupa lugar de destaque no texto de Manuela. Júlia viaja com sua família, ou seja, em “segurança”.

Ela nunca queria voltar, mas papai teve que trabalhar então viajem acabou, quando voltou queria passeando o tempo todo sem parar e levou bronca.

Júlia/Manuela quer conhecer novos lugares, “alçar vôos”, mas sem perder sua referência primeira, a família. Esta, se representa segurança, também é aquela que traz Júlia de volta à realidade, já que, mesmo voltando de viagem, não queria mais parar de passear. Não podemos esquecer, nesse sentido, que Manuela está estudando e demonstra preocupação quanto a seu futuro profissional. Ou seja, parece que esta questão da profissão é algo ainda nebuloso para Manuela, um terreno desconhecido e incômodo, ainda que isto apareça em seu texto de modo velado, como vimos, seja pela objetividade excessiva ao tratar do tema, seja ao afirmar que não pode ainda falar sobre isso, pois lhe falta a prática efetiva.

De qualquer modo, a família está ali, para chamar a atenção de Júlia/Manuela, para lhe dar “bronca”. Manuela parece querer dizer com isso que “a vida não é apenas diversão”, é também responsabilidade. “Seu” pai tem de trabalhar, assim como ela em breve deverá fazer.

Vale assinalar o quanto a viagem é importante para Manuela (Júlia), para os sujeitos surdos desta pesquisa. Para esses sujeitos, viajar é sinônimo de maior autonomia, de conhecimento, em detrimento do mundo protegido em que muitas vezes vivem. Mundo em que a diversão ainda é mais restrita, as oportunidades limitadas. Lembrando, mais uma vez, os Estados Unidos aparecem como esse lugar ideal de diversão e acolhimento.

Mas a verdade que nunca se esqueceu da delícia que é ir conhecendo novo lugar.

Não é à toa que Manuela termina seu texto enfatizando: “*Mas a verdade que nunca se esqueceu da delícia que é ir conhecendo novo lugar”.*

É preciso assinalar, ainda, que o texto apresenta um certo “tom infantil”, marcadamente pelo uso das expressões “papai”, “mamãe” e “vovó”, que precisa ser considerado dentro da “estrutura da Língua dos Sinais”; ou seja, na linguagem oral, no caso dos ouvintes, o mais comum seria o uso das formas abreviadas, já no caso dos sujeitos surdos eles parecem reproduzir na escrita a forma aprendida e utilizada na Língua de Sinais, sem contemplar as variações possíveis e esperadas da oralidade. Esse uso, acredito, assim como a ausência de conectivos, assinala mais uma vez as diferenças entre a linguagem oral e a linguagem dos sinais, não podendo se esperar uma equivalência direta entre uma e outra.

Cabe, por fim, apontar que Manuela não atribui nenhum título a este seu texto. Este fato nos faz pensar em três possibilidades, ao menos, tendo em vista a “dinâmica” dos textos de Manuela.

A primeira possibilidade estaria ligada ao quanto ela é sucinta em se comunicar pela escrita, restringindo-se ao foco principal da solicitação. Ela conta uma história e pronto.

A segunda, relacionada à primeira e à terceira – que veremos em seguida – , diz respeito ao fato de a solicitação ser um tema livre. Ao que parece, diante de uma solicitação “aberta demais”, Manuela torna-se ainda mais sucinta, para não se estender em demasia, já que não se trata de uma questão direta, de algo restrito, delimitado, procurando restringir-se, buscar um limite “palpável” para sua história. Este limite seria dado pela extensão e não pelo título, o qual pressuporia, a meu ver, a necessidade de um envolvimento maior e, portanto, um desdobramento maior.

Por último, parece que sua história a implica autobiograficamente demais, o que demandaria a necessidade de um distanciamento, a fim de proteger-se de uma exposição em demasia. Conta-se a história, mas não se lhe atribui um nome,

portanto uma identidade. É uma história qualquer, de um sujeito qualquer, de qualquer um; um sujeito anônimo: João, Maria... Júlia... Manuela.

Conclusão

> “Nem tudo que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois que toco floresce e os outros podem pegar com as duas mãos.”

A escolha por esse texto inaugural no capítulo de conclusão não foi aleatória, na verdade o intuito desse trabalho foi justamente “tocar”. Tocar em uma questão que, a meu ver, é anterior a todas as práticas acerca da escrita de sujeitos surdos. A questão do lugar que esses sujeitos ocupam ou podem ocupar histórica e particularmente. Lugar de sujeito, anterior ao lugar de autor.

Para me a ver com esse objetivo, realizei, no capítulo inicial, uma busca histórica de elementos que pudessem situar os olhares lançados a esses sujeitos, priorizando o peso que essa singularidade (surdez) teve/tem na aceitação do grupo.

No segundo capítulo focalizei a escrita, apresentando alguns de seus significados e funções para relacioná-los com as demandas dos sujeitos surdos.

A realização desses dois capítulos foi fundamental para me trazer pistas sobre as dificuldades encontradas por eles em “se enquadrar” nos padrões do código escrito.

O surdo, com sua escrita singular, questiona os limites da gramática, a norma culta, uma vez que aponta que a gramática da qual se trata é a gramática dos ouvintes, não a dos surdos.

Muito já foi discutido sobre a Língua Materna dos surdos, já existe uma gama significativa de estudos lingüísticos realizados acerca da Língua dos Sinais, no entanto, no momento em que se vai trabalhar com a escrita do surdo, a tendência é o apego às normas da escrita de ouvintes, com seu ideal de homogeneidade. Isso ocorre em virtude da dificuldade mesma que a escrita desse grupo coloca, pois parece apontar sempre em outra direção, para o limite da gramática vigente.

Foi nessa direção que, no terceiro capítulo, analisei textos produzidos por sujeitos surdos. A escolha desses sujeitos não foi casual, quis trabalhar com sujeitos que, apesar de próximos no que tange à surdez, apresentassem histórias de vida singulares, caminhos distintos em relação à escrita.

Os surdos dependem de escolhas de outros para determinar em que língua ou em que ambiente vão se desenvolver. Essas escolhas são de fundamental importância, uma vez que marcarão o percurso a ser trilhado, seja em relação à escrita – objeto desse estudo –, seja em relação a outras esferas de sua existência.

Interessante notar que, mesmo com essas diferenças, a grande maioria acaba buscando um lugar comum, buscando “sua língua” e seus semelhantes.

Durante esse percurso, pude notar que a diferença ou o peso de portar uma diferença tem um papel fundamental na vida desses sujeitos, na maneira de se colocarem no mundo e, tendo em vista o objeto desse trabalho, de se portarem como autor.

Um dos fatores que evidenciam essa questão é a aproximação ao autobiográfico em suas produções escritas; eles parecem precisar legitimar a diferenças para, com base nesta, poderem exercer a autoria.

Tenho de assinalar que a elaboração desse capítulo me causou angústia, a diferença causa angústia, e tive então de lidar com ela, me deparar com os meus preconceitos para realizar um exercício de escuta.

Calar essas vozes tão intrínsecas a nós mesmos que nos deixam “surdos” para o novo não é tarefa fácil.

Mas acredito que esse seja um primeiro passo para nós, fonoaudiólogos, ou quaisquer outros profissionais relacionados ao atendimento desses sujeitos ou de quaisquer outros sujeitos que por ventura apresentem um traço, físico ou não, que destoe da maioria. Sendo assim, esse exercício é uma condição para que possamos, para além da falta, escutar o sujeito na sua singularidade constituinte.

Retomando o título desse trabalho, “À escuta do silêncio. Marcas de subjetivação na escrita de surdos”, acredito fundamental escutar o silêncio de cada um, silêncio que não é ausência, mas sim profusão de vozes, essas vozes que somos nós.

Talvez o trabalho com surdos seja tão complicado porque pressupõe uma mudança na posição de interlocutor, mudança afetiva, teórica, conceitual.

É nesse sentido que acredito que as considerações de Kanaan (2002) são interessantes para se pensar a escrita dos surdos. Como já referido anteriormente, este autor dedica-se a pensar como a escritura de Clarice Lispector pode ser entendida como um dispositivo de subjetivação. Para dar conta da “estranheza” de seus textos, da singularidade de suas narrativa, este autor propõe a noção de “escuta do texto”.

Nas palavras do autor:

Eu escuto um texto, dessa maneira, quando este me lança na experiência do desamparo, questiona minhas certezas, abala minha subjetividade. No entanto, eu preciso me colocar disponível a esse texto, aceitá-lo como meu interlocutor, na sua familiaridade e na sua estranheza. Colocar-me, como a ele, no registro do desamparo. O sentido que nasce desse encontro é aquele construído pelo confronto de subjetividades, pelo estranhamento recíproco. O texto me modifica com sua singularidade como eu o modifico com a singularidade de minha leitura, de minhas experiências. (Ibid.; p.130-131)

O desamparo e o estranho, juntamente com a transferência e a alteridade são os quatro elementos que compõem a escuta do texto, na formulação do autor. São quatro dimensões dinâmicas, que só podem ser desmembradas didaticamente.

O que este autor enfatiza é que, para que eu possa escutar um texto, eu preciso estar em “transferência” com este, ou seja, me sentir implicado na relação com o texto, creditar a ele um saber sobre mim, acreditar que ele tem algo a me dizer, assim como eu tenho algo a dizer sobre ele, algo da dimensão do inédito. Para que isso ocorra, no entanto, eu preciso também me colocar na posição de desamparo, daquele que é capaz de abdicar de um saber prévio sobre mim e sobre o outro; só assim poderei escutar o que este texto me comunica para além das aparências, podendo, nessa relação, entrar em contato com a dimensão do estranho, seja em relação ao texto, seja em relação ao que este texto mobiliza em mim, portanto com esse estranho em mim.

Estranhar um texto, na esteira do autor, é conferir-lhe um estatuto desconhecido, de algo que é ao mesmo tempo estranho e familiar, ou seja, diante de um texto algo em mim é mobilizado, um afeto sem representação prévia, ao qual eu preciso dar um nome, mas um nome que não venha simplesmente preencher uma falta de sentido, mas capaz de produzir novos sentidos. O estranho me aponta sempre para algo que falta, mas uma falta geradora de

sentido, que não me permite estagnar, me fechar em modelos previamente dados. Daí sua ligação tão estreita com o desamparo.

Por fim, o último elemento da escuta do texto seria a alteridade. Esta implica a dimensão do outro, ou seja, do diferente de mim, mas estreitamente ligado a mim, na medida em que eu também sou um outro, diferente. Em outras palavras, isto quer dizer que minha imagem nunca é coincidente, por mais que eu procure reivindicar uma identidade definitiva, acabada. Eu sou sempre “em processo”, pois sempre estou em relação com um outro: pessoa, objeto, animais... eu mesma, um texto.

Ao colocar-se à escuta da escritura clariceana, portanto, acredito que Kanaan nos ajuda a escutar a escrita dos surdos, ajudando-nos a nos acercar das marcas de subjetivação em sua escrita.

No entanto, para que isso ocorra, como vimos, é preciso que estejamos receptivos a esta maneira de escrever dos surdos, para poder escutá-la, escutando o surdo, seja na sua forma de procura seja na sua fuga.

Kanaan (ibid.) dirá que as marcas estilísticas na obra de Clarice Lispector, como a fragmentação da narrativa, a repetição, a redundância, o inacabamento, a interferência do registro oral no escrito, entre outras marcas, são formas de a escritora procurar “reproduzir”, pela escrita, o que é da ordem dos afetos, ou seja, o que só pode ser aludido, portanto. Ao procurar essas formas de expressão, Clarice Lispector daria testemunho de seu próprio processo de subjetivação pela escrita, já que o tempo todo esta mobiliza nela a necessidade de dar conta do que sente, pensa, vive.

Não poderíamos, portanto, pensar as marcas que vimos apontando na escrita dos surdos como marcas de seu processo de subjetivação? Acredito que sim. Ou seja, ao escrever desse modo, e não de outro, os sujeitos surdos acabam

testemunhando o seu modo de apreensão do código escrito, como apreendem a norma da língua. Este modo, longe de significar “deficiência”, “ausência”, simplesmente, apontam para o modo como esses sujeitos foram “formados” em relação à língua.

Em virtude da deficiência auditiva, eles apreendem a escrita de um modo distinto ao do ouvinte; já que não têm acesso aos sons da língua, precisam “criar”, “inventar” um modo de dar conta do que seria esta dimensão desconhecida, inacessível a eles. Um desses modos, como vimos, seria usar o corpo como forma de expressão. Não apenas o uso das mãos, no caso da Língua de Sinais, mas o corpo todo (cf. acima).

Sendo assim, escutar o silêncio seria escutar essa dimensão corpórea da escrita do surdo, em que ele se projeta na escrita, marcando sua presença aí; essa presença, podemos pensar, encontra um contraponto na ausência de conectivos, no problema de concordância verbal, em alguns casos de troca entre masculino e feminino, no uso de expressões pouco comuns por ouvintes (como nas formas “papai”, “mamãe”, “vovó”), etc.

Ou seja, precisamos escutar o texto do surdo na sua estranheza, naquilo que nos obriga a buscar uma resposta não para aplacar nosso desamparo, mas para que ele possa vir a “pertencer” à sua escrita. Para que ele possa entrar em uma relação de interlocução de fato, com sua escrita, com os ouvintes, consigo mesmo.

O que a escrita do surdo assinala, como pudemos observar ao longo deste trabalho, é o quanto ainda precisamos pesquisar para entender os mecanismos de sua escrita, de seu modo de relacionar com ela. Ao procurarmos investigar esses mecanismos, nos deparamos com alguns elementos que nos indicam o modo como se dá a subjetivação do surdo pela escrita. O modo como vêem e testemunham a si mesmo, o outro, o mundo.

Dessa maneira, não podemos simplesmente procurar “corrigir” a escrita desses sujeitos ou procurar “conformá-la” à norma, como a gramatical. Precisamos, no modo como os surdos escrevem, buscar uma forma para que eles possam se apropriar desse código e fazer um uso dele condizente com sua visão de mundo, de si mesmo e do outro, ou seja, garantir a esses sujeitos a liberdade de uso da escrita. É essa garantia, acredito, que pode ajudá-los na tarefa de tornarem-se sujeito de sua escrita, sujeito-autor.

Kanaan (ibid.) afirma em seu trabalho que muitas das marcas na escritura clariceana são produzidas justamente para chamar o leitor ao texto, implicá-lo ao texto, por meio da transferência. Assim, por exemplo, o estranhamento produzido em sua escrita tem a função de questionar o leitor em sua subjetividade, retirando-os de posições seguras, por vezes estagnadas, o que gera, por sua vez, o desamparo. Este desamparo, como vimos, abre a possibilidade do contato com a alteridade, já que me lança no universo do desconhecido, das incertezas, me retirando do plano do idêntico, da acomodação.

Podemos pensar, no caso de nosso trabalho, em paralelo à discussão de Kanaan que, se Clarice Lispector cria as marcas de estranheza em sua escrita, visando um determinado objetivo, *no caso dos sujeitos surdos esta estranheza é inerente à sua escrita, é constitutiva desta*.

O desamparo gerado pela escrita do sujeito surdo no outro-ouvinte, então, seria em virtude de sua maneira singular de se apropriar do código escrito; código estranho a ele, pois parece não corresponder à sua maneira própria de comunicação. Ou seja, a escrita para os sujeitos surdos é o código visto e transmitido por ouvintes. Sua apreensão desse código e do modo como lhe é transmitido difere, portanto, da do ouvinte. O sujeito surdo nunca terá acesso a essa relação entre a palavra escrita e seu som, entre a linguagem falada e suas nuanças; portanto, sua escrita prescindirá de todos os elementos fonológicos

implicados no trabalho de transposição do registro oral para o escrito. Para os sujeitos surdos faltará esse “apoio” sonoro à escrita.

Daí a escrita dos sujeitos surdos apresentar as marcas que vimos assinalando ao longo das análises de seus textos. Escutando o que se silencia aí, podemos repensar as práticas de escrita voltadas a esses sujeitos, ajudando-os na tarefa de se tornarem autor de sua escrita, não mais aquela esperada ou cobrada pelo ouvinte, mas aquela possível dentro de sua singularidade.

Como podemos depreender dessa discussão, escutar o que aí silencia é escutar as próprias marcas de subjetivação desses sujeitos pela escrita. Escutar essas marcas seria um modo de não bani-los para um mundo distante da exclusão em categorias prévias, dando a eles e aos ouvintes a possibilidade de convivência num mundo mais fraterno, em que a estranheza seria a marca de união do que é diferente, mas irmão.

Como é possível notar, são questões complexas as que proponho pensar nesse trabalho, para as quais não há uma resposta pronta, dada. Há um longo caminho a ser percorrido ainda, mas espero que os passos dados durante a elaboração desse trabalho ajudem a iluminar um pouco esse trajeto. Um trajeto, como nós sujeitos, sem fim, sempre incompleto, nos obrigando sempre a ir mais além, num processo sempre renovado, a cada encontro com os leitores possíveis.

Se este trabalho, portanto, não apresenta um fim, podemos ao menos nos despedir com uma citação daquela que tanto nos inspirou ao longo dessa reflexão, Clarice Lispector:

“Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro.”

Anexos

Anexo I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao Participante deste Estudo

Anexo I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao Participante deste Estudo

O Sr(a). está sendo convidado(a) a participar da pesquisa que se intitula “À escuta do silêncio: marcas de subjetivação na escrita de surdos”.

O objetivo deste estudo é realizar uma escuta as demandas do sujeito surdo através da análise de sua escrita.

Caso aceite participar como sujeito desta pesquisa, o (a) Sr. (a) terá uma seqüência de 5 encontros semanais em meu ambiente de trabalho, sendo o primeiro individualmente para realização de entrevista e os restantes em grupo para produção dos textos requisitados.

Não existem benefícios médicos diretos para o sujeito deste estudo. Entretanto os resultados deste estudo podem ajudar os pesquisadores a entender melhor sobre as dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos no relacionamento com a língua escrita.

Não existem riscos médicos ou desconfortos associados com este projeto.

Fica claro que sua participação é voluntária, não sendo obrigado a realizar todas as etapas se não quiser, mesmo que já tenha assinado o consentimento de participação. Se desejar, poderá retirar seu consentimento a qualquer momento e isto não acarretará em nenhuma conseqüência.

A pesquisadora não pagará nenhum valor em dinheiro ou qualquer outro bem pela sua participação, assim como o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo adicional.

O seu nome ou quaisquer outras informações que digam de sua identidade serão mantidos em sigilo. O (a) Sr. (a) poderá esclarecer suas dúvidas durante toda a pesquisa com fonoaudióloga Mariana Busnardo no endereço Rua Ministro Godoy 255 ap.111 ou pelo telefone 38710954 .

Eu, como pesquisador responsável, comprometo-me a utilizar os dados coletados somente para esta pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas por mim, descrevendo o estudo “À escuta do silêncio: marcas de subjetivação na escrita de surdos”.

Eu discuti com a fonoaudióloga Mariana Busnardo sobre a minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

_____

Nome do paciente

_____ ____/____/_____

Assinatura do paciente Data

_____ ____/____/_____

Assinatura da testemunha Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente para a participação neste estudo.

_____ ____/____/_____

Assinatura do responsável pelo estudo Data

Anexo II

Parecer do comitê de Ética

Anexo III

Pocrusto

Anexo III
Procrusto

Na localidade de Coridalos viviam muitos gigantes e homens crescidos normais. Disso decorria que os homens maiores, os gigantes, subjugavam os homens menores. Como Coridalos ficava na região da Ática, soprou até lá um hálito de razão vindo de Atenas, inspirando o gigante Polípemo, que era particularmente grande, a pensar. Durante várias semanas ele andou pensativo pela paisagem, refletindo sobre a desigualdade dos homens. Depois ele se nomeou Procrusto, o esticador, e construiu duas camas, uma para os gigantes e outra para os não-gigantes. Na cama para os não-gigantes ele colocava os gigantes e lhe cortava as pernas, de modo que eles coubessem na cama dos não-gigantes. Os não-gigantes, ele colocava na cama dos gigantes e os esticava, até que estes se adequassem à cama.

Palas Atena, de cujo hálito soprou o ar da razão até Coridalos, sentiu-se responsável e dirigiu-se a Procrusto. Ela lhe perguntou o que fazia.

"Estou agindo de acordo com a tua razão, deusa", respondeu o gigante, "cujo hálito colocou em movimento o meu pensar. Eu comecei a refletir sobre a desigualdade dos homens. Ela é injusta. Eu me dei conta pouco a pouco de que a justiça exige que todos os homens sejam iguais. Isto é razoável. Há em Coridalos giagantes e não-giagantes. sendo que os primeiros subjugam os segundos. Os homens são aqui desiguais de dois modos: em seu ser e em seu fazer. Isto não é razoável. Ora, se eu tornasse apenas os gigantes em não-gigantes, cortando-lhes as pernas, eu teria produzido com isso, todavia, uma nova injustiça: não-gigantes aleijados e não-gigantes, sendo que nesse caso estes últimos submeteriam os gigantes que se tornaram aleijados. Também irrazoável. Mas se eu agisse contra os não-gigantes, se eu os esticasse ao tamanho dos giagantes aleijados, eu teria produzido uma nova injustiça: tal como os gigantes aleijados, eles estão tão entregues aos gigantes quanto os não-gigantes. Outra vez irrazoável. Assim sendo,a meu ver, so há uma possibilidade de estabelecer a igualdade de todos os homens: os gigantes têm o direito de ser não-gigantes, e os não-gigantes de ser gigantes. Eu estou agindo de acordo com isso. Eu corto as pernas dos gigantes, eles se tornam tão pequenos quanto os não-gigantes. Quanto aos não-gigantes, eu os estico até ficarem do tamanho dos gigantes. Tal operação torna ambos iguais, pois através dela ambos se tornam aleijados. E se eles morrem em conseqüência da operação, eles também são iguais entre si, pois a morte torna todos iguais. isto não é razoável?"

Balançando a cabeça negativamente, Palas Atena retornou a Atenas. A argumentação de Procrusto a fez perder as palavras. Foi a primeira vez que ela, como deusa, ouviu um discurso ideológico, e ela não encontrou nenhuma réplica. Procrusto, em virtude do silêncio da deusa, convenceu-se da correção de suas deduções, e voltou a torturar. Àqueles que torturava, ele

sempre esclarecia que o fazia em nome da justiça: ora, um gigante tem o direito de ser um não-gigante e vice-versa. A localidade de Coridalos tornou-se um inferno, repleta dos gritos dos martirizados, que podiam ser ouvidos em toda a Grécia. Os deuses, embaraçados, tapavam os ouvidos com as mãos. Eles também não encontravam nenhuma réplica à argumentação de Procrusto. As pragas, em especial, eram horríveis de se ouvir. Por isso, eles desligavam o som dos televisores - como deuses eles estavam tecnicamente bem à frente dos homens - para não mais ouvir as preces e os pedidos de socorro, bem como a gritaria e as maldições de Coridalos, razão pela qual eles nada mais ouviam do resto da terra. Todavia, isso fez com que els não mais interviessem na história.

E assim, então, gigantes e não-gigantes amaldiçoavam Procrusto, enquanto ele os torturava, e os aleijados gigantes e não-gigantes o amaldiçoavam também. Saíam maldições até mesmo do túmulo daqueles que não haviam passado pelo procedimento bárbaro. Mas visto que Procrusto não compreendia porque ele estava sendo amaldiçoado - pois ele se sentia um benfeitor e era em geral um gigante muito sensível -, ele imaginou que o problema estava em seu método, adquirindo especialmente para as suas camas bons colchões. Desse modo, enquanto os coridalianos gritavam incessantemente e amaldiçoavam, ele tentava acalmar os torturados de um outro modo, já que eles não haviam sido iluminados pela razão divina como ele. Ele dizia para as suas vítimas que era heróico sofrer cada um em sua cama específica, fabricada de árvores que cresciam em todo o país - uma razão não menos irracional, porém, agora uma razão patriótica para as suas torturas.

E realmente, desta vez alguns gigantes e não-gigantes se colocavam como voluntários aqui. No geral, as maldições foram diminuindo com o tempo. Por encontrarem motivos para a ação de Procrusto, eles também encontravam consolo para tanto sofrimento. Houve até gigantes aleijados e não-gigantes aleijados que se convenceram de que haviam sido torturados para um futuro melhor. Por causa disso, pelo menos a chegada de Procrusto não era mais amaldiçoada, pois, com o tempo, as gigantes, através de uma adaptação evolucionária, passaram a dar à luz aleijados não-gigantes e as não-gigantes, a aleijados gigantes, de modo que Procrusto, no geral, não precisou mais torturar. Outros contentavam-se em morrer desse modo, desde que assim, esperavam eles, no futuro não houvesse mais nenhuma tortura.

Em virtude das razões apresentadas, os torturados eram levados a suportar a tortura, mesmo sendo ela irracional. Só alguns poucos gigantes e não-gigantes torturados insistiam depois que a cama de tortura e a tortura fossem inutilizadas. Isso era o que Procrusto mais odiava. Ele ainda se revoltava com o fato de as pessoas não entenderem que ele não torturava por prazer, mas sim por um necessidade histórica. Tendo em vista que, a fim de não mais ouvir as queixas e gritarias, ele sempre imaginava motivos para torturar, ele acreditava que, com o tempo, a história só podia ter um sentido se ela progredia, e se tal progresso consistisse em que ela é sempre mais justa, e ela

só é mais justa se, a partir da desigualdade dos homens, ela se desenvolve em direção à igualdade deles.

Enquanto isso, o jovem Teseu caminhou de Tróia para Atenas, para lá se tornar rei, como filho de Egeu. Visto que ele concebia a política desde um ponto de vista prático novo, ele também veio a Coridalos. Lá ele ouviu e se admirou da Ideologia de Procrusto.

"Tu precisas admitir que eu estou agindo de maneira razoável", disse Procrusto, orgulhoso, "a própria Palas Atenas não sabia me replicar".

"Tu ages tão irrazoavelmente quanto Pitiocampto, o poddador de abetos, quando ele corta o andarilho em dois, e os inserta nos troncos de dois abetos tortos e então os deixa crescer", respondeu Teseu. "A única diferença entre Pitiocampto e tu consiste em que ele não imaginou que devesse cortar em nome da justiça dos homens. Ele o fazia pelo puro prazer da crueldade".

"Pitiocampto é meu filho", disse Procrusto, pensativamente.

"Eu o matei", respondeu Teseu, tranquilamente.

"Agiste corretamente", disse Procrusto, depois de longo pensar, "embora Pitiocampto fosse meu filho. Não é permitido matar pelo puro prazer da crueldade".

Assim, enquanto Procrusto queria cumprimentar Teseu agradecido, este jogou o gigante com tal força na pequena cama que a terra estremeceu.

"Seu louco", ele disse, e abateu Procrusto, que lhe encarava com os grande olhos, admirado. "Você foi retirado do hálito da razão muito cedo. As pessoas não são iguais, mesmo se não houvesse gigantes e não-gigantes, mas só gigantes, ou só não-gigantes. E porque as pessoas não são iguais, algumas maiores, outras menores, cada gigante tem o direito de ser um gigante, e cada não-gigante de ser um não-gigante. Ambos são iguais apenas perante a lei. Se tu tivesses introduzido esta lei, terias evitado que os gigantes dominassem os não-gigantes, ou, o que poderia bem ser o caso, que fossem os gigantes prejudicados pelos não-gigantes. Com isso, você teria poupado seus conterrâneos dessa tortura absurda".

E, assim, Teseu primeiramente cortou as pernas de Procrusto e, porque este já era especialmente um gigante grande, cortou-lhe também a cabeça, que ainda murumurava ao ser decepada:

"Eu só estava sendo justo". E então a cabeça ainda disse, enquanto ainda estava em cima do pescoço, antes que os grandes olhos se fechassem: "Eu jamais fizera mal algum aos homens".

Depois disso, Teseu caminhou de volta a Atenas para junto de seu pai Egeu. Infelizmente, Teseu era não apenas um herói; ele era também esquecido. Ele se esquecera, quando estava com

Procrusto, que não matara apenas o seu filho Pitiocampto, mas sim também engravidara a sua neta, Periguna. Ele simplesmente se esqueceu de tudo. Seu lenço estava cheio de nós, era inútil. Ao regressar de Creta, ele esqueceu Ariadne na ilha de Naxo, que lhe salvara do labirinto, e assim esqueceu de levantar a vela branca, de modo que o seu pai atirou-se ao mar, porque ele pensou que Teseu fora morto pelo Minotauro no labirinto. Por causa disso, Teseu tornou-se rei. Infelizmente, ele também esquecera do seu inteligente discurso a Procrusto: não que ele fora particularmente um mal rei - ele está, de fato, bem colocado na escala dos reis -, mas abaixo dele nem todos eram iguais perante a lei, alguns mais iguais que outros. Isto porque Teseu também era esquecido como marido: seus amores, escreve Robert de Ranke-Graves, colocaram tantas vezes os atenienses em apuros que eles reconheceram seu verdadeiro valor apenas gerações após a sua morte.

(Engelmann, B. & Jens, W. [1982]. *Klassenlektüre*. Tradução de Marco Antonio Franciotti e Celso Braida. Hamburg: Albrecht Knaus Verlag. p. 96-99.)

Anexo IV

Ausência

Anexo IV

Ausência – Vinícius de Moraes

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos
que são doces
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres
eternamente exausto.
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida
e eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a
tua voz.
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado.
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados
Para que eu possa levar uma gota de orvalho nessa terra amaldiçoada
Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado.
Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu,
por que eu fui o grande íntimo da noite
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos
no espaço.
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono
desordenado.
Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir
E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada.

Anexo V

Mendoncinha

Anexo V

O Mendoncinha

- Tente relaxar...

- Desculpe. É que tem uma parte de mim que, entende? Fica de fora, distanciada, assistindo a tudo. Uma parte que não consegue se entregar...

- Eu entendo.

- É como se fosse uma terceira pessoa na cama.

- Certo. É seu superego. O meu também está aqui.

- O seu também?

- Claro. Todo mundo tem um. O negócio é aprender a conviver com ele.

- Se ao menos ele fechasse os olhos!

- Calma. Eu sei como você se sente. Nestas ocasiões, sempre imagino que minha mãe está presente.

- A sua mãe?

- É. Ela também está conosco nesta cama.

- Você se analisou?

- Estou me analisando. Pensando bem, ele também está aqui.

- Quem?

- O meu analista. Nesta cama. Meu Deus, ao lado da minha mãe!!

- Meu pai está aqui...

- Seu pai também?

- Meu superego e meu pai.

- O superego e o pai podem ser a mesma pessoa. Será que um não acumula?

- Não, não. São dois. E não param de me olhar.

- Mas sexo é uma coisa tão natural!

- Diz isso para eles!

- Na verdade, não é mesmo? Nem nós somos só nós. Eu sou o que penso que sou, sou como você me vê...

- E a gente também é o que pensa que é para os outros.

- Quer dizer: cada um de nós é, na verdade, três.

- Quatro, contando com o que a gente é mesmo.

- Mas o que que a gente é mesmo?

- Sei lá. Eu...

- Espere um pouco. Vamos recapitular. Do seu lado tem você –aí já são no mínimo três pessoas – o seu superego, o seu pai...

- Do seu lado, vocês três , a mãe de vocês e o analista.

-E o meu superego.

- E o seu superego.

- Mais ninguém?

- O Mendoncinha.

-Quem?!

- Meu primeiro namorado. Foi com ele que...

- Espera um pouquinho. O Mendoncinha não.

- Mas...

- Bota o Mendoncinha para fora desta cama.

-Mas...

- Ou sai o Mendoncinha, ou saímos eu e minha turma!

Bibliografia

ALMEIDA, M.I.de (org) (1997). *Para que serve a escrita?* São Paulo, EDUC.

BAGNO, MARCOS (1999). *Preconceito lingüístico. O que é, como se faz.* São Paulo, Edições Loyola.

_____ e STUBBS, MICHAEL, e GAGNÉ, GILLES (2002). *Língua materna. Letramento, variação e ensino.* São Paulo, Parábola.

BALIEIRO, C.R (2002). *A escrita na clínica fonoaudiológica e a pessoa surda: possível lugar de constituição do sujeito e da linguagem in Distúrbios da Comunicação*, v. 14,n.1, p. 9-25. São Paulo, EDUC.

BARTHES, ROLAND (1997). *O prazer do texto.* São Paulo, Perspectiva.

_____ e HAVAS, ROLAND (1987). *Escuta. In: Enciclopédica Einaudi. Oral/escrito. Argumentação.* Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

_____ e MARTY (1987). *Oral/ escrito. In: Enciclopédia Einaud. Op. Cit.*

BARTUCCE, GIOVANNA (org). (2001). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.* Rio de Janeiro, Imago.

BERBERIAN, A.P e ANGELIS, M. C.C e MASSI, GISELLE (orgs) (2006). *Letramento. Referencias em saúde e educação.* São Paulo, Plexus.

CAPOVILLA, C.F. e RAPHAEL, D.W (2001). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue. Língua de Sinais Brasileira. LIBRAS. Vol I: Sinais de A a L.* São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

_____(2001). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue. Língua de Sinais Brasileira. LIBRAS. Vol II: Sinais de M a Z.* São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

DÍAZ,ESTELA (2005). *El sujeto sordo ele l lenguaje. Consideraciones sobre el bilingüismo – lengua de señas –lengua oral – desde la mirada Del psicoanálisis.* Argentina, iRojo Editores.

DOLTO, FRANÇOISE (1999). *Tudo é linguagem.* São Paulo, Martins Fontes.

FONSECA, J.R.M.V.R. (2001). *Surdez e deficiência auditiva: a tragetória da infância à idade adulta.* São Paulo, Casa do Psicólogo.

HIGOUNET, CHARLES. (2003). *História concisa da escrita.* São Paulo, Parábola Editorial.

KANAAN, A.D. (2002). *Escuta e subjetivação. A escritura de pertencimento de Clarice Lispector.* São Paulo, Casa do Psicólogo; EDUC.

_____ (2003). *À escuta de Clarice Lispector. Entre o biográfico e o literário: uma ficção possível.* São Paulo, EDUC.

KOLTAI, CATERINA (2000). *Política e psicanálise. O estrangeiro.* São Paulo, Escuta.

KRISTENSEN,R.C. e FREIRE, R.M (2001). *Interpretação da escrita infantil: a questão da autoria in Distúrbios da comunicação,* v.13, n.1, p. 19-48. São Paulo, EDUC.

LISPECTOR, CLARICE (1998). *A hora da estrela.* Rio de Janeiro, Rocco.

LODI, A.C.B. (1996). *Leitura e escrita em crianças surdas: um estudo das estratégias utilizadas durante o período de aprendizagem.* Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

QUADROS, R.M. e KARNOPP, B. L. (2004). *Língua de sinais brasileira estudos lingüísticos.* Porto Alegre, Artmed.

SACKS, OLIVER (1998). *Vendo vozes. Uma viagem ao mundo dos surdos.* São Paulo, Companhia das Letras

SOARES, MAGDA (2004). *Letramento um tema em três gêneros.* Belo Horizonte, Autêntica.

_____ (2004). *Alfabetização e letramento*. São Paulo, Contexto.

TRENCHE, B.M.C (2002). *Linguagem e surdez: considerações sobre práticas fonoaudiológicas in Distúrbios da Comunicação,* v.4,n.2, p. 257-276. São Paulo, EDUC.

VERÍSSIMO,L,F (1994). *Mendoncinha in Comédias da vida privada. 101 crônicas escolhidas.* 13 edição. Porto Alegre, L&PM editores.